





ENSAIOS TEXTUAIS



e agora? onde estamos, para onde vamos? só não podemos esquecer de onde viemos...

Profa. Dra. Vanessa Gayego Bello Figueiredo

Certamente vivemos uma das mais intensas e piores crises políticas do Brasil. Crise econômica sim, mas já passamos por outras com consequências sociais mais drásticas (até o momento, outubro de 2016). Se observarmos em perspectiva histórica veremos que ambas são cíclicas e estão interligadas. Falaremos desta íntima relação mais tarde, pois não poderíamos deixar de começar este texto lembrando de onde viemos. Assim, torna-se mais fácil compreender o presente, as disputas em jogo e, ao menos, almejamos para onde caminhar.

Nossa origem social colonial, elitista, escravocrata e patrimonialista e a contínua manutenção cultural, socioeconômica e legal (jurídica) desta base, acompanhada por uma rápida urbanização desi-

qual calcada no processo de industrialização tardia da periferia do capitalismo mundial constitui o cerne dos nossos problemas. Problemas estes intensificados por 21 anos de ditadura militar, por decisões políticas que nos inseriram no mercado internacional de dependência de créditos e dívidas e pelas políticas neoliberais que abriram as portas do país sem contrapartidas que inserissem o Brasil como protagonista no tão desejado mercado global. Continuamos a ser mais um grande celeiro controlado pelo centro decisório do mundo (que não nos inclui), porém aumentamos nossas contradições e problemas internos. Um respiro recente de pouco mais de uma década, provocado por políticas sociodesenvolvimentistas, desacelerou este processo e até reverteu parte deste quadro

de desigualdade socioeconômica, com menos expressão territorial, é verdade. A terra continua a ser um grande nó! E agora vivemos um revés. Estamos, nós, o povo brasileiro, perdendo de goleada, quer dizer de golpeada!

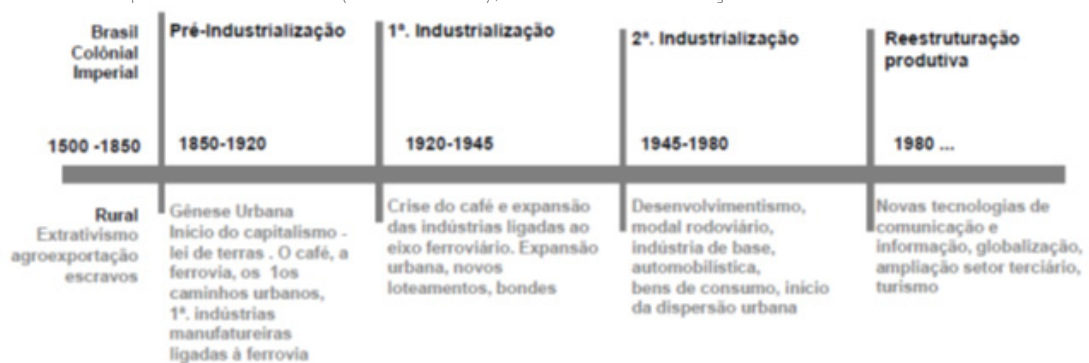
Muito complicado tudo isso? Cheio de chavões que não explicam nada? Intentaremos esclarecer um pouco mais este processo. Para compreendermos o que se passa e decidirmos sobre os nossos caminhos é necessário compreender a natureza da própria formação social brasileira, a constituição do nosso Estado-nação e como este vem se inserindo no cenário internacional, bem como algumas características específicas do capitalismo no Brasil, seus estágios de acumulação e do processo da urbanização brasileira, que foi

desenhando nosso território e materializando nossas relações socioeconômicas.

Primeiramente, precisamos lembrar sempre que as cidades brasileiras, e nossa própria sociedade, construíram-se a partir de processos econômicos exógenos. Para compreender este processo complexo, precisamos entender as diferentes conjunturas históricas. É o que recomenda o professor Nes-

tor Goulart (1997) que juntamente com Csaba Deak (1999) e outros autores da história da urbanização e da economia urbana, classificam este processo de ocupação territorial em cinco grandes períodos. O do Brasil Colonial-Imperial; a Pré-Industrialização e Gênese Urbana (1850-1920); a primeira fase da Industrialização (1920-1945); a segunda fase da Industrialização (1945-1980); e a reestruturação

produtiva. Evidentemente, em cada período são observados subperíodos. No entanto, não cabe ao propósito deste texto entrarmos nestas minúcias. Destacaremos rapidamente as principais características socioeconômicas e territoriais destes períodos com o preciso intuito de embasar o debate sobre o momento atual, os problemas atuais e eventuais caminhos a trilhar.



Fonte: elaboração Vanessa G.B. Figueiredo baseado em DEAK, 1999; REIS FILHO, 1997.

No Brasil Colonial-Imperial, a base da economia era a agroexportação, a base da sociedade era o escravo e o território ocupado era basicamente rural. Território este articulado por caminhos de tropeiros e seus pousos (que gerariam cidades) para escoar a produção de açúcar do litoral, de minérios preciosos, durante o ciclo do ouro, da pecuária no interior do Rio São Francisco e no Sul, do café no Sudeste e da borracha no Norte. As normas Filipinas e de defesa iam desenhando a ocupação territorial neste período (REIS FILHO, 1997).

É bom ressaltar que escravo não ganha salário, logo não compra nada. Não compra comida, nem roupa, nem casa. Desta forma não há mercado consumidor interno e nem cidade. Ou seja, não há o sistema capitalista ainda! A isso damos o nome de formas pré-capitalistas de produção. Formas estas que ainda estão presentes no mundo de hoje, inclusive aqui bem pertinho de nós, praticada por alguns grandes empreendedores do agribusiness, herdeiros dos velhos sesmeiros desta época, ou por grandes indústrias de grife, multinacionais que viriam dos gran-

des centros capitalistas a partir dos anos 1950.

Cabe destacar que o movimento (na verdade acordo) que leva o Brasil à Independência de Portugal em 1822 não rompe com a estrutura socioeconômica vigente, implicando em uma continuada "expatriação do excedente" impedindo, por conseguinte, o investimento ou re-investimento na reprodução do capital e nos meios de produção internos. Além disso, como parte do acordão, herdamos a dívida de Portugal com a Inglaterra no valor de 1,3 milhões de libras esterlinas, 30% do valor das exportações da época, segundo dados aferidos por Gonçalves & Pomar (2000). Recursos que financiariam os investimentos dos 40 anos subsequentes nos sistemas de transporte ferroviário no Brasil beneficiando o nosso desenvolvimento. Não dá pra entender porque comemoramos nossa "independência". Foi exatamente aqui que selamos nossa dependência do sistema político-financeiro internacional, vigente até hoje e que leva quase metade do nosso PIB! De quebra inibimos o início da industrialização brasileira, cuja primeira fase já ocorria nos países centrais (Euro-

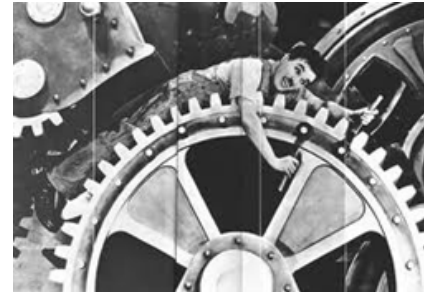
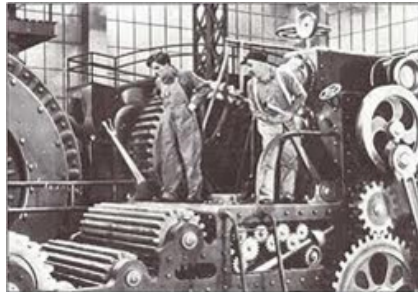
pa e EUA).

Nossa pré-Industrialização e a chamada "Gênese Urbana" seriam inauguradas a partir de uma conjunção de fatores. A supressão do tráfico negreiro leva à paulatina transição ao trabalho livre e assalariado. A Lei de Terras de 1850 transforma as terras devolutas em mercadoria, suprimindo o regime de doações e permitindo apenas a venda (menos para imigrantes e escravos). Esta medida proporcionou o aumento do valor da terra, a expulsão de posseiros que não tinham recursos para comprar e uma maior concentração desta terra nas mãos da elite agrária, sobretudo a do café no Sudeste. Neste contexto, um grande projeto é colocado nos trilhos: café com pão! A economia do café e sua expansão possibilitada pela logística ferroviária propiciou a instalação das primeiras indústrias manufatureiras ligadas ao eixo férreo. Por uma opção política, a principal mão-de-obra, tanto na economia cafeeira quanto no setor industrial, foi de imigrantes europeus. Esta nova classe de trabalhadores precisa de moradia. Começam a surgir as vilas operárias, ora promovidas pelas próprias

indústrias, ora pelo emergente mercado de aluguel de sobrados. A burguesia industrial, e mesmo a agrícola, começa a erguer seus palacetes ecléticos, com jardim frontal e recuos. Todas estas edificações já observavam os padrões do urbanismo sanitista, e o desenho urbano também. Interessante destacar que enquanto o operariado vai pra um lado, em geral no entorno ou além da ferrovia, a burguesia vai para o território oposto. Temos aqui o primeiro movimento de segregação socioespacial e as primeiras diferenças no valor da terra urbanizada. Tudo isso vai conformando as nossas cidades e dando início ao sistema capitalista no Brasil.

Todavia, cabe avisar que o capitalismo também tem fases e tipos. Não existe um só tipo de capitalismo. Trata-se agora do primeiro estágio (o extensivo), baseado num sistema fordista de produção, com produção em massa, linha de montagem automatizada, mão-de-obra não qualificada (expulsa do campo aqui ou do capitalismo central), baixo nível de reprodução da força de trabalho com muita exploração da mão-de-obra (18h/dia, baixos salários, sem benefícios como hora-extra, férias ou assistência médica, castigos corporais, trabalho infantil, etc). Praticamente um trabalho escravo, mas com salários, ainda que muito baixos e cada um se vira pra morar, comer e vestir-se. Brilhantemente, Chaplin denunciou com humor este momento em seus diversos filmes, notadamente *Tempos Modernos*. Csaba Déak (1999, p. 89) sintetizou bem este processo com a afirmação: "o trabalho assalariado – vale dizer, o desenvolvimento do capitalismo –, a industrialização e a urbanização não são apenas inseparáveis ou inter-relacionados: são um só processo".

Ops! E os ex-escravos, todos libertos em 1888? Então, tiveram que se virar. Tiveram que ceder seu trabalho nas lavouras para os imigrantes. Foram para as margens das cidades ainda em formação e



Imagens do filme *Tempos Modernos*. Charles Chaplin, 1933.

nas várzeas, beira de rios e morros onde construíram seus mocambos e quilombos (cuja maioria nem está nas cartografias oficiais de época). Sobreviveram de vender frutas, comidas e sua força de trabalho nos serviços domésticos, na construção civil, no transporte de pessoas e dejetos, entre outros bicos. Reparemos que eles ficaram à margem. Marginais à sociedade, à economia, às leis e às cidades. Não por acaso, a maioria da população de favelas no Brasil, que hoje gira em torno de 11,4 milhões de pessoas (6% da população, IBGE, 2010), é afrodescendente e tem os menores índices de renda, longevidade e escolaridade. São as áreas de menor IDH ou maior vulnerabilidade social.

Esta situação do povo negro, assim como a baixa reprodução dos trabalhadores industriais, mesmo os imigrantes (não podemos desconsiderar que eram os pobres do capitalismo central que vieram "fazer a América"), constituem as raízes da exclusão social brasileira. Caracterizam a nossa transição peculiar para um sistema capitalista de periferia, assentando sobre uma sociedade colonial, elitista, escravocrata e patrimonialista. Explicamos, ainda que brevemente, o primeiro "chavão" da introdução deste texto.

O Brasil adentra, de fato,

na Primeira Industrialização na década de 1920, com o declínio do café em razão da baixa demanda de exportação provocada pela 1ª Guerra Mundial. Intensifica-se o desenvolvimento das indústrias manufatureiras (substituição de importações) ligadas ao desenvolvimento da ferrovia. A crise de 1929 vem consolidar esta transição na medida em que quebra definitivamente a econômica cafeeira (DEAK, 1999). É importante destacar que esta foi uma crise de superprodução ou subconsumo, ou seja, uma crise do capitalismo liberal. A partir dela, os Estados começam a entrar mais forte na regulação da economia. Isso aconteceu, por exemplo, na Europa, sobretudo nos países escandinavos, e nos EUA. Por meio do New Deal Rooseveltiano, optou-se por fortes investimentos estatais em obras públicas de infraestrutura, hospitais, escolas e outros equipamentos. Houve redução da carga horária semanal de trabalho objetivando empregar mais gente. Criou-se o sistema de previdência social, o seguro desemprego e o seguro para idosos acima de 65 anos. Houve controle de preços e produção (estoques) a fim de evitar nova crise e o aumento da inflação e incentivos agrícolas (subsídios e empréstimos) visando estancar o crescente êxodo rural e evitar o



Jean Baptiste Debret (1768-1848), retratando a escravidão no Brasil. *Cadernos de Viagem*, 1983.

problema da pobreza nas cidades. Houve a reforma do sistema bancário e monetário com controle e fiscalização sobre o mercado financeiro (leis) para evitar fraudes, especulações e diminuir os riscos de operação.

Para quem não sabe isso não é comunismo ou socialismo! É capitalismo mesmo, mas de outro tipo. Sistematizado a partir dos preceitos da socialdemocracia. Onde o desenvolvimento, alavancado pelos investimentos públicos, geram oportunidades a todos e melhoria da qualidade de vida. Um capitalismo voltado ao consumo sim, mas também ao bem estar social, mais distributivo, também conhecido como Welfare State ou Keynesianismo, ampliado no pós-guerra (ESPING-ANDERSEN, 1991). Hoje, a maioria dos países europeus investe entre 25 e 40% do PIB nas áreas sociais (educação, saúde, cultura, segurança, etc) e praticam os maiores percentuais de arrecadação de impostos. Ou seja, o bem estar social tem um custo que é imanente dividido pela sociedade. O resultado é que estes mesmos países são menos desiguais e detém os melhores índices de desenvolvimento humano: renda, escolaridade, longevidade, segurança, etc. No Brasil, isso também vai começar com Getúlio Vargas. Porém de forma mais modesta, incompleta e não abrangente a todos os grupos sociais. Mas, nossas opções políticas e golpes de estado posteriores viriam a atropelar muitas vezes estas tentativas.

Enquanto isso, no Brasil, as cidades maiores já aperfeiçoavam o sistema de transporte intraurbano com os bondes. O mercado imobiliário investia nos primeiros loteamentos nas áreas centrais e entorno contíguo, sempre acima da demanda, gerando loteamentos que ficariam vazios durante uma ou duas décadas depois. É assim até hoje. O Estado também faz sua parte. Pari passu às reformas sanitárias, as reformas urbanas em áreas conso-

lidadas com os planos de melhoramentos e embelezamento proporcionavam o alargamento e abertura de viário, praças, parques, teatros, mercados, entre outros equipamentos, sobretudo para a nova burguesia industrial.

A produção de casas para operários continua. A novidade é que pela primeira vez o Estado (sob comando de Getúlio Vargas) começa a investir na provisão de moradias por meio dos IAP – Institutos de Aposentadorias e Pensões e da FCP – Fundação Casa Popular. No entanto, estas iniciativas de financiamento público, no período de 1930 a 1964, mostraram-se extremamente modestas e pontuais computando um total de apenas 171.140 unidades financiadas (BRASIL, 2003).

Vargas intervém também na relação capital-trabalho por meio do reconhecimento de direitos dos trabalhadores, instituindo o salário mínimo, a C.L.T., a lei do Inquilinato, entre outros. Começa a investir em infraestrutura para o desenvolvimento. São desta época a Companhia Siderúrgica Nacional (1941), a Vale do Rio Doce (1943), a Companhia Hidrelétrica do São Francisco (1945). Também há investimentos na formação de mão-de-obra especializada para o setor industrial, com o Serviço Nacional da Indústria (Senai), em 1942, e o Serviço Social da Indústria (Sesi), em 1943.

A partir de 1945 a opção rodoviária pavimentaria nosso principal modal de estruturação territorial. A chamada Segunda Fase da Industrialização, calcada na indústria de base, de bens de produção e consumo duráveis (automobilística, eletrônicos, indústria pesada, material elétrico pesado, metalurgia, química-farmacêutica), com suas grandes plantas industriais se assentaria ao longo das rodovias. O rodoviário redesenharia nossas cidades. Viadutos, pontes, minhocões elevados e vias marginais acabariam com parques, praças e seccionariam bairros consolidados. É

o progresso e a modernidade!

Em 1951 Vargas voltaria por voto popular encampando o lema "O Petróleo é Nosso" que culminaria na criação da Petrobrás em 1953 e sua morte no ano seguinte. O Brasil entraria em sua famosa fase "desenvolvimentista", embasada no tripé: Estado nacional, empresariado nacional e empresas internacionais (Maricato, 1994). Se, por um lado, teríamos a expressão máxima da presença do Estado na economia brasileira, por outro, seríamos o reflexo das contradições geradas entre o capitalismo central e o capitalismo dos países periféricos. Isto é, as políticas keynesianas generalizadas no pós-guerra encareceram demasiadamente o preço do trabalhador, tanto na Europa, quanto nos EUA. A oferta de mão-de-obra mais barata e, ao mesmo tempo, mercados consumidores emergentes compuseram um prato feito para as multinacionais que queriam expandir.

Os "cinquenta anos em cinco", lema encampado por Juscelino Kubitschek em seu plano de metas, representaria simbolicamente este período, com a ocupação do nosso miolo territorial por Brasília, grandes investimentos em infraestruturas, com a industrialização e a conseqüente urbanização concentrada no Sul e Sudeste. Esta grande oferta de empregos incentivaria as migrações internas e implicaria no intenso crescimento demográfico e urbano brasileiro, com taxas entre 5 e 6% ao ano nesta região do país. Os investimentos na indústria de base e construção civil, associadas ao aumento do preço da terra também proporcionam a verticalização das áreas centrais, locus principal de uma nova classe média ligada à ampliação do setor terciário. O rodoviário aliado à especulação imobiliária induz a fragmentação e a

1. No Brasil estes investimentos saltaram de 13% do PIB em 2002 para 17% em 2012. Como o PIB cresceu muito neste período, os investimentos nominais dobraram, totalizando R\$ 656 bilhões (PPA – Plano Plurianual, 2012-2015, Governo Federal).

dispersão urbana. Os altos preços da terra urbanizada consorciados ao baixo valor dos salários e à ausência de políticas públicas urbanas e habitacionais conduz ao processo de periferização (habitação em loteamentos clandestinos em áreas distantes) e favelização (autoconstrução majoritariamente em áreas ambientalmente e urbanisticamente não adequadas). Todo este processo de urbanização acontece sem nenhum planejamento urbano. As primeiras leis que viriam a ordenar o uso, a ocupação e o parcelamento do solo e a proteção ambiental datam da década de 1970! Os planos diretores, quando existiam, não passavam de obras de gaveta, como bem apontou Villaça (1999).

Em 1964 se instalam de golpe ditaduras militares em toda América Latina. Repressão e controle da liberdade de expressão, perseguições políticas (exilados, presos, desaparecidos e mortos) e centralização do poder no Executivo nacional são características bastante conhecidas. Dentre as políticas desenvolvidas cabe destacar o SFH/BNH – Sistema Financeiro da Habitação (1964-86) que produziu cerca de 4,4 milhões de unidades em 22 anos (27% da provisão habitacional no Brasil), com 80% dos financiamentos beneficiando famílias com renda acima de 5 salários mínimos e concentração de recursos nas regiões Sul e Sudeste (BRASIL, 2003).

Entre 1969 e 74 o Brasil viveria os maiores índices de crescimento, com PIB girando em torno de 11%, viabilizados pelo conhecido "Milagre Econômico". Mas, como foi possível esse milagre? O grande crescimento econômico do pós-guerra acabou produzindo uma massa enorme de capitais que se reinvestida na produção acabaria por reduzir as taxas de lucro e gerar uma segunda crise de superprodução, como a de 1929. Logo, esse dinheiro, não podendo se transformar em capital fixo, se volatilizou. Isto é, se financeirizou: parte desses

lucros começaram a ser investidos no sistema financeiro internacional. O sistema financeiro tinha que girar essa roda emprestando esse capital a juros baixíssimos para os países pobres ou em desenvolvimento (GONÇALVES & POMAR, 2001). Naquela época não havia lei de responsabilidade fiscal, então os governos foram ampliando suas dívidas para financiar o desenvolvimento.

O fim do "milagre" se dá novamente em razão de crises internacionais. Agora as bruscas altas do petróleo de 1974 e 79. Como na área econômica não há milagres, todo empréstimo volta com juros (que eles sempre dão um jeito de subir mais depois). Então a conta viria a ser paga primeiramente pela parcela social mais pobre que, mesmo durante o crescimento do milagroso "bolo", como afirmava o ministro Delfim Neto, não recebeu nenhum pedaço. A posteriori, o conjunto da sociedade sofreria com



as subseqüentes décadas perdidas de 80 e 90.

Este processo coincide, mais precisamente provoca, o esgotamento da ditadura militar e a exaustão do sistema extensivo de acumulação capitalista no Brasil. O que não significa a passagem ao estágio subseqüente (o intensivo). Entretanto, Schiffer (1999) aponta que há um processo de transição para intensivo que não envolve todo território nacional, mas pode ser notado nos centros urbanos mais industrializados (Sudeste e Sul), com a organização sindical, maior valorização salarial e benefícios sociais. Esta organização da classe trabalhadora por seus direitos faz emergir novas pautas, novas lideranças e partidos políticos, como o Partido dos Trabalhadores, e engorda o caldo da redemocratização juntamente com setores progressistas da cultura, da educação, de intelectuais e de luta pela reforma urbana e agrária.



Imagens do fim de período militar e redemocratização no Brasil.

A redemocratização acontece no mesmo momento em que ocorre a reestruturação do modo de produção industrial, sua reorganização em clusters e no sistema just in time, induzindo a ampliação do setor terciário. Este processo associado ao aumento do valor da mão-de-obra e da terra e às externalidades negativas do intenso processo de urbanização sem planejamento e ausência de políticas sociais nos grandes centros urbanos provoca a desconcentração e a interiorização industrial (deslocamento das indústrias do ABC Paulista e RMSP para as regiões de Campinas, Soroca-

ba e Piracicaba, por exemplo). Por conseguinte, gera o esvaziamento de áreas industriais já consolidadas nos períodos anteriores. Como o Estado estava quebrado, começam a emergir experiências de projetos urbanos ditos estratégicos e parcerias público-privadas para viabilizá-los. Novas centralidades, agora fortificadas no lote, como shoppings centers, aparecem enfraquecendo e degradando os centros urbanos tradicionais. O preço da terra continua subindo, a inflação comendo e a renda caindo. Isso também aumenta o processo de metropolização (pessoas morando fora das cidades onde trabalham).

Neste contexto emergem novas formas de fragmentação e dispersão urbana, agora com a periferização de pessoas de rendas alta e média morando em condomínios horizontais plugados no sistema rodoviário. Uma urbanização do tipo plug and play, enclaves fortificados sem cidade.

No tocante às políticas macroeconômicas, a onda neoliberal chegaria como um tsunami na América Latina pós-ditaduras. O receituário do Consenso de Whashington (NOGUEIRA, 1994), que propagava uma brusca austeridade fiscal, uma política de open doors sem contrapartidas que beneficiassem os interesses nacionais, um enxugamento da estrutura estatal e privatizações para ampliar a "regulação" pelo mercado, teve impactos devastadores na estrutura social, econômica e urbana desses países periféricos, inclusive o Brasil, concentrando ainda mais a renda e maximizando o passivo urbano e social.

No Brasil o neoliberalismo desenvolveu-se mais claramente entre 1991 e 2003, nos governos Collor e Fernando Henrique Cardoso. A estabilização monetária e inflacionária trazida pelo Plano Real foi necessária e teve efeitos positivos. Mas, como não foi articulada às políticas sociais e de desenvolvimento, a concentração de renda continuou e o desemprego aumentou passando de 8,4% em 1995 para 12,6% em 2002, com apenas 28,7% dos assalariados com empregos formais e 70% do salário mínimo consumido na aquisição da cesta básica.

Concentração de Renda no Brasil

POPULAÇÃO	RENDA	
	1981	1995
50% mais pobres	14,5%	13,3%
10% mais ricos	44,9%	47,1%
1% mais rico	13,4%	14,4%

Fonte: Dieese. Apud Maricato, 1996.

ca. (IBGE).

O balanço das privatizações mostra que o Brasil mais perdeu que ganhou em números. Isto sem falar da perda de gerenciamento de

setores estratégicos da economia fundamentado no interesse público e de faturamento que somam cerca de R\$ 300 bilhões anuais. O governo "arrecadou" cerca de US\$ 91,1 bilhões com a venda de mais de 100 estatais, majoritariamente dos setores elétrico, telecomunicações, siderurgia, mineração e gás (BNDES, 2003). Nas contas de Aloysio Biondi (1999), 95% do pagamento foi feito com títulos desvalorizados (moedas podres). Descontados os investimentos pré-privatização, as dívidas e despesas com demissões em massa (cerca de 70% dos funcionários) assumidas pelo tesouro, o dinheiro que saiu das contas do governo totalizariam R\$ 87,6 bilhões (até 1998). Ou seja, o discurso de encher os cofres para conter o rombo das contas públicas não se sustenta quando analisadas as contas e as formas de pagamento. O objetivo era mesmo entregar à iniciativa privada empresas construídas com os impostos e trabalho de milhares de brasileiros. Que o estado precisa ser eficiente, isso não há dúvidas. Tratemos então de eleger pessoas qualificadas pra isso. Mas ele não precisa ser burro! Mas será que foi burrice ou ignorância, ineficácia, ingenuidade? Não, esta foi a estratégia mesmo. O Estado estava nas mãos das elites e do empresário, democraticamente eleito pelo povo. Só que será que o povo sabia e sabe disso? Aposto que não, pois a mídia e os marqueteiros só contam o que interessa ou o que vai colar... Além disso, as privatizações foram responsáveis por acelerar o processo de terceirização e precarização das relações de trabalho, aumentando o desemprego e diminuindo a renda dos assalariados.

Em suma, a política neoliberal no Brasil não beneficiou nem o trabalhador, nem a indústria nacional, mas as elites e o mercado financeiro. Não por acaso a taxa média de juros fixada pela Celic nos oito anos de FHC foi de 26,6% (che-

gou a 42% em 1997). Todavia, três bons acontecimentos não devem ser esquecidos: o controle da inflação (que tirou cerca de 9 milhões da extrema pobreza) e a aprovação das leis de Responsabilidade Fiscal e do Estatuto da Cidade 2001.

Algo importante a se lembrar é que os empréstimos que financiaram o milagre aumentaram a dívida externa de US\$ 2,5 bilhões em 1964 para US\$ 105 bilhões em 1985, de 26% para 48,2% do PIB. E para atrair e manter capital estrangeiro, o Brasil passou sua dívida interna de R\$ 62 bilhões em 1994 para R\$ 432 bilhões em 2000 (Gonçalves & Pomar, 2000). Até hoje, embora tenhamos pagado muitos juros e amortizações, nossa dívida come metade do nosso PIB. Na verdade, é isso que interessa aos credores (bancos e grandes detentores de títulos): a política de dependência para rodar a moeda da financeirização do capital. Este sistema que gera mais e mais concentração de renda. Em função disto, temos hoje no mundo 50% das riquezas na mão de 1% da população, mais precisamente de 80 bilionários, dos quais metade são norte-americanos. E esta concentração continua aumentando a cada ano (em 2010 tínhamos 388 bilionários, por exemplo), segundo dados da Oxfam, Forbes, entre outros. Ou seja, o sistema capitalista liberal é demasiadamente concentrador de riqueza. Não há regulação pelo mercado, nunca houve na história, em nenhum lugar. Quando houve, resultaram de políticas de regulação pelo Estado, de políticas praticadas nos fundamentos do social democracia keynesiana ou do socialismo/comunismo.

Diante dos péssimos números da economia, do desastre social e dos problemas urbanos que se agravavam, associado à crise cambial que fez o dólar bater na casa dos 4 reais, o discurso neoliberal não conseguia mais se sustentar. Desta forma, em 2003 a "esperança vence o medo". Lula,

o primeiro operário-presidente, cuja trajetória é de inegável luta e liderança, assume o governo e inicia o social-desenvolvimentismo, se comprometendo a manter a estabilidade financeira. Políticas continuadas por sua sucessora, Dilma Rousseff, primeira presidenta do Brasil.

A retomada do desenvolvimento econômico é conduzida por grandes investimentos em infraestrutura e equipamentos com o PAC – Programa de Aceleração do Crescimento. Investimentos em setores estratégicos da economia, em logística e saneamento, garfaram 1,62% do PIB em 2006 e 3,27% em 2010. O desenvolvimento social e a melhor distribuição de renda foram ancoradas no aumento real do salário mínimo, de US\$ 86,21 em 2002 para US\$ 305 em 2014, 72,31% descontada a inflação (Dieese, 2015) o que implicou no aumento de cerca de 60% da chamada classe C (de 65,9 para 118 milhões de pessoas entre 2003 e 2014). O Programa Bolsa Família estava atendendo, em 2016, 13,8 milhões de famílias (R\$ 24 bilhões equivalente a 0,5% do PIB). Foi responsável também pela redução da mortalidade infantil (2002 - 25,3/1000 2012 - 12,9/1000), da taxa de pobreza (2002 - 34% 2012 - 15%), da taxa de extrema pobreza (2003 - 15% 2012 - 5,2%) retirando 22 milhões da miséria.

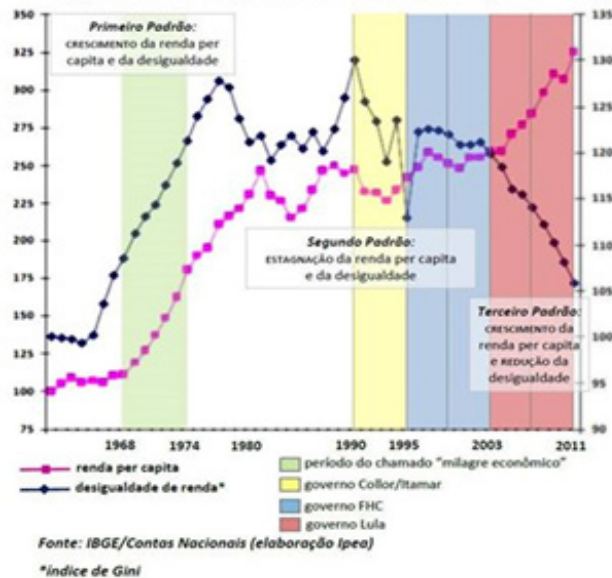
Foram ampliados os investimentos em todas as áreas sociais, especialmente em educação, de R\$ 17 para R\$ 94 bilhões (553%) entre 2002 e 2013. Programas como o PROUNI (cerca de 1,2 milhões de bolsas em 2013), o FIES (2,1 milhões de financiamentos entre 2010 e 2015), o PRONATEC (6 milhões de estudantes), o Ciência sem Fronteiras (110 mil bolsas no exterior), a ampliação de universidades (108,2% privadas e 71% públicas entre 2000 e 2013, 2.090 IES privadas e 301 públicas) fizeram elevar o número de concluintes do ensino superior de 4,4% em 2000 para 7,9% em 2010 (IBGE). Ainda

pouco, mas relevante diante da história de um país que construiu o acesso ao ensino superior apenas para as elites, as burguesias e parte restrita da classe média.

Todos estes investimentos aumentaram o poder de consumo da população mais pobre e, juntamente com o crescimento dos setores da construção civil, educação, indústria, comércio e serviços geraram empregos fazendo o PIB subir a 7,5% em 2010, o desemprego cair a 5,4% em 2013, com destaque para a construção civil, caindo de 9,8% em 2002 para 2,7% em 2012 (IBGE/FGV/PNAD). O índice de Gini no gráfico a seguir revela o aumento da distribuição de renda, pela primeira vez, no Brasil.

Relevante sublinhar a nova inserção geopolítica do Brasil no mundo, priorizando o Mercosul e capitaneando as relações Sul-Sul assim como a importante participação nos BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul). Dado o acúmulo de capitais em razão do crescimento brasileiro e as decisões políticas tomadas, o BNDES passa a financiar também o desenvolvimento fora do país. Em 2006, a descoberta de petróleo no pré-sal acaba por modificar a geopolítica mundial. Imediatamente o governo suspende leilões de concessão em

BRASIL: evolução dos índices da renda per capita nacional e do grau de desigualdade da renda* (1960 = 100)



andamento. Em 2008 tem início a exploração na Bacia de Campos e em 2010 é aprovada a nova lei da partilha que aumenta a cobrança de royalties de 10 para 15% destinada aos governos federal, estadual e municipal e cria o FS – Fundo Social (que em 2013 destina 75% para financiar a educação e 25% para a saúde). O Brasil passa de 15º para 8º país com as maiores reservas, de 14 bilhões de barris para 60 bilhões, podendo chegar a 300 bilhões, a maior do mundo. Em 2014 a Petrobrás supera a americana ExxonMobil (2 milhões de barris/dia, contra 2,2 milhões/dia) e o valor da empresa sobe de 15,4 bilhões de reais em 2003 para 214 bilhões em 2013, passando de 13ª a 4ª maior do ramo. Obviamente tudo isso incomoda muito o setor petrolífero internacional e, particularmente, as nações que dependem

2. Centro de Políticas Sociais da FGV a partir de microdados do IBGE e PNAD.
 3. Estes dados estão disponíveis em documentos do IPEA, IBGE e SEADE.
 4. O PIB cresceu de R\$ 1,491 trilhão em 2002 para R\$ 5,521 trilhões em 2014 (370%) e o Brasil passou de 13ª para 7ª economia mundial no mesmo período. Em dólares foi de US\$ 508.918,88 para US\$ 2.345.378,73 no mesmo período (IBGE, SEADE, IPEA, FGV, 2015).
 5. Dados do Mapa do Ensino Superior no Brasil, SEMESP, 2015.
 6. A ONU registrou queda de 0,542 (2002) para 0,459 (2013) no índice de Gini brasileiro. Quanto mais próximo de 0, maior a igualdade de renda.

muito desta fonte de energia, como os EUA, que tem cerca de 60% de sua economia dependente.

São encampados também os preceitos dos movimentos da Reforma Urbana, com a criação do Ministério das Cidades e investimentos para a promoção de novos planos diretores participativos, agora norteados pela função social da cidade e da propriedade e a participação social, bases do Estatuto da Cidade. O Programa MCMV – Minha Casa Minha Vida, de financiamento habitacional, desmembrado do PAC em 2009, foi uma das providências do governo para evitar que a crise dos subprimes americanos, ou do sistema de crédito internacional, solapasse o Brasil. Até 2015 foram produzidas cerca de 2,7 milhões de moradias em todo o Brasil, e mais 1 milhão estão contratadas. Em seis anos foram quase 10 milhões de pessoas beneficiadas, R\$ 139,6 bilhões em financiamentos e o governo ainda investiu R\$ 114,9 bilhões em subsídios para famílias de menor renda. Números historicamente inquestionáveis quanto às políticas de provisão estatal. Porém, a maior parte da inserção urbana destes novos empreendimentos ou bairros instigam o debate por estarem, muitas vezes, longe da cidade consolidada e favorecendo a lógica da especulação imobiliária. Entretanto, não podemos desconsiderar que a própria Constituição garante



Lula repete o gesto de Getúlio em 1952 encampando claramente o lema: " O Pré-sal é Nosso!"

a autonomia dos municípios quanto à política urbana que deve ser definida pelos planos diretores com participação da sociedade.

Resumidamente, o que fez o governo Lula, e Dilma continuou, foi política keynesiana, uma reedição do New Deal Americano.

Em dose menor, menos estrutural e menos duradoura, é verdade. O que detém a atenção é que nunca chamaram Roosevelt de "comunista", mesmo ele tendo feito mudanças mais radicais de controle econômico e distribuição social. Talvez, naquela época, as pessoas soubessem diferenciar melhor as coisas... Hoje, outros tempos... Vivemos num mundo com bem mais informação, porém, ao que tudo indica, com menos conhecimento e numa sociedade e numa democracia com bem mais tons de cinza...

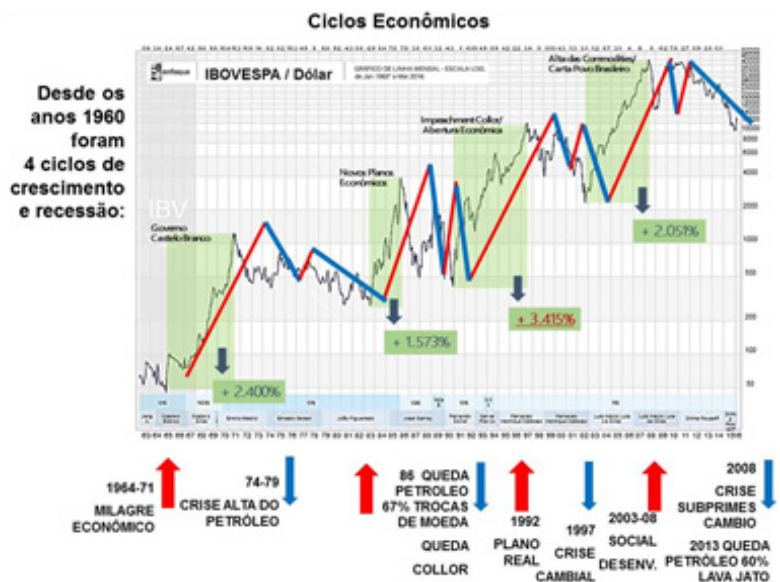
Os ciclos históricos de crescimento e recessão econômica e suas estreitas relações com as alternâncias políticas.

Inicialmente, devemos recordar que nossa primeira grande crise internacional, a grande depressão de 1929, fez sucumbir a república do café e emergir Vargas com as novas políticas sociais e de investimentos do Estado em infraestrutura e no desenvolvimento econômico.

O crescimento econômico gerado no pós-guerra, o iminente crescimento da América Latina,

em particular do Brasil, associado ao temor do crescimento de novos modos de produção e organização social ensaiados por governos socialistas e comunistas, culminou com o suicídio de Vargas e o golpe de 1964. Hoje sabidamente patrocinado pelos EUA (que queriam garantir controle econômico, financeiro e político) em parceria com as multinacionais (que queriam expandir mercados), com as elites locais (que queriam se garantir), com as instituições militares e a mídia (sempre braço forte das elites locais e internacionais). O Milagre Econômico viabilizado por empréstimos internacionais sustentou os anos dourados do desenvolvimentismo do período militar. As crises de alta do petróleo de 74 e 79 ajudaram muito o esgotamento deste modelo e a consequente transição ao regime democrático.

O gráfico abaixo, da movimentação do IBOVESP em volume de negócios em dólar, confirma os grandes ciclos de crescimento e recessão brasileiros, que caminham pari passu às crises do capitalismo internacional. Desde 1960, foram



quatro grandes ciclos (quatro "Ms"). Todos conjugando crise econômica com alternâncias políticas. Não por acaso.

O ciclo de crescimento que se sucedeu na redemocratização beneficiou-se do primeiro momento positivo do caixa acumulado pela

7. Dados do Ministério das Cidades, 2016.

8. Só pra termos uma ideia, no Oriente Médio, esta parcela chega a 80%. Acho que não precisamos explicar porque houve e há ainda tantas guerras naquele lugar.

9. Dados do Sinduscon de 2015 e 2016 confirmam o fato.

financeirização do capital internacional gerado pelas políticas neoliberais na Europa e EUA nos anos 1980. No entanto, no Brasil, foi o ciclo de maior instabilidade em razão do descontrole monetário, inflacionário, dos vários planos e trocas de moedas não bem sucedidas que solapou com a queda do petróleo em 1986 e as trapalhadas de Collor na economia. A empolgação do povo no movimento anticorrupção do Fora Collor, os cara-pintadas dos quais eu mesma fiz parte, foi apenas o mise en scène necessário para manobrar a opinião pública pelo impeachment. Tal como aconteceu com Dilma, mas em contexto e por motivações distintas. Não que a corrupção não existisse. É sabido que ela é uma senhora antiga, desde o "varre, varre vassourinha" de Jânio Quadros, desde o Brasil-Colônia, desde sempre. Enraizada em nossa sociedade a ponto de termos que fazer uma lei de nota fiscal paulista para que os comerciantes declarem seu faturamento. Mas o que desanima é que as instituições responsáveis pela fiscalização e punição e a própria sociedade não mudaram e a senhora, de mãos dadas com muitos senhores, continua solta por aí garfando os bolsos públicos e privados. Sim! A corrupção, a sonegação, os desvios de contabilidade no setor privado também existem.

A estabilidade monetária e financeira trazida pelo Plano Real rendeu o crescimento que vemos registrado nestes indicadores do IBOVESPA entre 1992 e 1999. Entretanto, como não houve investimento no desenvolvimento econômico, nem políticas sociais, nem geração de empregos, etc, como já apresentamos, as políticas neoliberais deste período fizeram durar pouco esta subida. Associada a crise cambial que fez o dólar bater na casa dos quatro reais, FHC caiu e Lula finalmente é eleito, depois de quatro disputas. Começa então a política social desenvolvimentista já descrita aqui. A crise internacional

de 2008 gera queda intensa e faz o PIB não crescer em 2009. As políticas anticíclicas adotadas pelo governo (como MVMV e redução do IPI) associadas ao ambiente de desenvolvimento do mercado interno (por causa dos investimentos desenvolvimentistas, das políticas sociais e de distribuição de renda) dão um respiro. Porém, quando a desaceleração atinge a China e ocorre a super queda do petróleo (cerca de 60%) e descontrole cambial que gerou a desvalorização do real, articulada à Operação Lava-Jato que atinge a Petrobrás e o mercado da construção civil, o PIB começa a cair (0,1% em 2014 e - 3,8% em 2015) e a inflação e o desemprego a sobem, girando em torno de 11% em 2016. Com a queda do PIB ocorre a queda de arrecadação de impostos, as porcentagens da dívida/PIB aumentam relativamente e conseqüentemente os investimentos dos governos também caem reforçando a crise.

Este ambiente econômico desfavorável associado ao quadro político da (des)governabilidade e a um "gigante" que resolveu acordar do nada em junho de 2013, levaram à destituição golpista de Dilma por meio de um impeachment fundamentado numa tese jurídica de crime de responsabilidade bastante frágil. Frágil porque muitos outros governantes cometeram os mesmos atos e não foram afastados por isso.

É preciso entender então a (des)governabilidade. Ela foi gerada a partir do confronto entre dois projetos políticos distintos eleitos por nós, brasileiros. Um progressista e voltado à inclusão social para o poder Executivo e outro conservador e neoliberal para o Legislativo. De acordo com o Departamento Inter-sindical de Assessoria Parlamentar (DIAP) e a própria Folha de S.Paulo, o atual congresso brasileiro é o mais conservador desde 1964. Foi composto por menos parlamentares ligados às causas sociais, ambientais, dos direitos humanos e das

reformas urbana e agrária, e mais representantes sustentados pelos setores do boi (agronegócio), da bala (militares e policiais), da bíblia (em especial de alguns setores da igreja evangélica), da bola, alguns astros ou palhaços do mundo mídia, do mercado financeiro e imobiliário e, inclusive, do tráfico de drogas. Estas peças do jogo político são basicamente definidas pelo voto. Isso mesmo. O voto empodera e eles decidem por todos nós os rumos do Brasil e de nossas vidas!

É notório o avanço global das elites e dos segmentos conservadores da sociedade que trabalham a favor da contenção das crises fiscais a custo de retrocessos nas políticas públicas, ameaçando diversas conquistas sociais, oportunidades e até direitos fundamentais. Mas, por que isso? Porque estão preocupados em salvarem a própria pele. Afinal, o desequilíbrio concentrador do sistema capitalista também recai sobre eles. Nos últimos cinco anos, tivemos 61 bilionários a menos no planeta. E, sendo assim, melhor a bomba desmoronar sobre aqueles que sempre pagaram a conta. Só que esta parcela da sociedade paga com a sua casa, com a sua fome, com a sua vida! É muito cruel!

É isso que está acontecendo nas canetadas cotidianas deste governo: extinção do Minha Casa, Minha Vida Entidades; cortes no Bolsa Família atendendo apenas a faixa da extrema pobreza; alteração da definição de trabalho escravo; redução da maioria penal; Lei da

10.O judiciário sempre foi conservador, embora nos últimos anos parecesse mais avançado, ao menos no que toca algumas decisões sobre gênero e família. Deveria e parecia ser neutro politicamente, mas estamos vendo que não está sendo, ao contrário, está desempenhando peça fundamental neste processo. Torçemos para que os fatos que ainda virão desconstruam os fatos registrados até o momento que nos fazem chegar a estas conclusões.

11.É importante lembrar que os governos petistas foram os que mais pagaram a dívida externa (em dólar), embora a interna (em real) tenha aumentado em razão, sobretudo, do aumento do endividamento dos estados e municípios e do refinanciamento de dívidas em real visando controlar melhor os juros e os desequilíbrios cambiais.

Terceirização (acabando com direitos trabalhistas); reforma da previdência sem debate social; flexibilização do licenciamento ambiental; retirada do "T" dos transgênicos das embalagens; entrega do pré-sal e, se der, da própria Petrobrás às petroleiras estrangeiras; privatizações, inclusive do aquífero guarani, entre outros retrocessos e barbáries que, se não estão aprovadas, tramitam. A pauta da PEC 241 é jogar a conta na contenção desproporcional das políticas sociais, especialmente em educação e saúde que tem verbas mínimas carimbadas desde a Carta Magna de 88, não por acaso chamada de Constituição Cidadã. Com esta PEC o SUS sangrará ainda mais e a meta do Plano Nacional de Educação de chegar a 10% do PIB jamais será cumprida. Hoje investimos 6,6% em educação, lembrando que pagamos quase 50% com o serviço das dívidas públicas. Por que não dividimos a conta equilibrando os impostos pagos por ricos e pobres no Brasil, onerando mais a propriedade e a renda que o consumo e os salários como fazem há muito os norte-americanos e baixando os juros que imediatamente fazem baixar as dívidas públicas e privadas? Esta "ponte pro futuro"

nos atolará em nosso passado mais vergonhoso.

É neste sentido que a destituição de Dilma e do PT foi um golpe, pois não elegemos para o Executivo este plano de governo. As urgentes e necessárias operações anticorrupção viraram um mote para sustentar um golpe contra a democracia. Um golpe parlamentar articulado conjuntamente com o vice Temer, a mídia, as elites locais, os interesses internacionais e com anuência do judiciário garantindo a aparente legalidade do processo. Aos mais novos é bom ressaltar que no impeachment de Collor a esquerda e direita estavam juntas e Itamar Franco, o vice sucessor, não participou das articulações e deu continuidade à agenda neoliberal e de reformas econômicas eleita. Situação muito distinta se desenvolveu agora. Onde o que está em disputa não é apenas a governabilidade, mas dois projetos de Brasil e muitos interesses de poder internos e mercantis e geopolíticos internacionais.

Muitos já estão percebendo os rumos deste governo, cujo presidente não tem sequer legitimidade para fazer aparições públicas sem ser hostilizado, inclusive pelas classes de maior poder aquisitivo. Em 80

anos tivemos 18 presidentes, apenas oito eleitos democraticamente, dos quais quatro não cumpriram seus mandatos. Se há algo de errado com a nossa democracia, precisamos consertá-la. Se há algo de errado com nossa classe política, precisamos consertá-la. Isso não se faz sem consciência, sobretudo consciência histórica, social e política, com uma dose alta de outridade e dialógica. Esta polaridade do ódio que estamos experimentando é assustadora, é destruidora. Não existe democracia sem diálogo. Mais, não existe civilização sem diálogo!

E então, para onde vamos? Esta é uma escolha que teremos de fazer, não somente agora, mas sempre!

Profa. Dra. Vanessa Gayego Bello Figueiredo, docente da FAU PUC-Campinas, ex-subprefeita de Paranapiacaba em Santo André.



Referências Bibliográficas

- BRASIL (Ministério das Cidades). Política Nacional de Habitação. Governo Federal: Brasília, 2003.
- BIONDI, Aloysio. O Brasil Privatizado: um balanço do desmonte do Estado. Fundação Perseu Abramo, 1999.
- DEÁK, Csaba; SCHIFFER, Sueli (orgs). O Processo de Urbanização no Brasil. São Paulo: Edusp, 1999.
- ESPING-ANDERSEN, G. As Três Economias Políticas do Welfare State, in Revista Lua Nova, nº 24, setembro, 1991.
- GONÇALVES, Reinaldo e POMAR, Valter. O Brasil endividado. Fundação Perseu Abramo, 2000.
- IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Censos 2000 e 2010. Governo Federal: Brasília, 2010.
- MARICATO, Ermínia. Metrópole na Periferia do Capitalismo. São Paulo: Hucitec, 1996.
- NOGUEIRA, Paulo Batista. O Consenso de Washington, in cadernos da Dívida Externa, número 06, 1994.
- REIS FILHO, Nestor G. Urbanização e urbanismo no Brasil 1. Cadernos do LAP, n.19. FAUUSP, 1997.
- VILLAÇA, Flávio. Uma Contribuição para a História do Planejamento Urbano no Brasil. In: Déak, Csaba e Schiffer, Sueli (orgs). O Processo de urbanização no Brasil. São Paulo: EDUSP, 1999.

201 / 202 / 203 / 204 ↖
101 / 102 / 103 / 104 →
01 / 01A / 01B ↙
⏏





porque é urgente discutirmos a questão do ensino no Brasil

Claudio Manetti¹

Jonathas Magalhães Pereira da Silva²

Tudo que é estrutural merece urgente compreensão para seu enfrentamento. Falamos aqui de profundas transformações. Trata-se da construção de uma ética nacional. Para começarmos a compreender quem somos de fato, o brasileiro e as suas consequências, precisaremos quebrar os filtros. Nossa crise é histórica, pois inerente ao formato de Nação que o mundo, afinal, assim definiu. Todas as nossas ambições coletivas, os desejos das classes sociais, o padrão das instituições, o "mercado" e as perspectivas sociais e políticas, reafirmam constantemente a versão de que somos um país cujo futuro depende dos desejos do mundo. A verdade é que acumulamos crises históricas que, por trás das manobras, constantes perdas se somaram como um gradual mosaico de

brechas e rupturas sem resgate ou retomadas de correção de rumos. O Brasil é um país com donos. Poucos donos. Que distribuem favores visando manter uma sofisticada relação de poder (SCHWARZ, 2009). Está na hora de dizermos se concordamos e queremos isso daqui para a frente.

Estamos vivendo um momento peculiar da educação superior no Brasil, quando – após o surgimento de um grande número de instituições de ensino superior nas últimas duas décadas do século XX – assiste-se a uma crescente demanda pela graduação e a uma corrida pela capacitação na pós-graduação, proporcionada pela recente obrigatoriedade de capacitação do corpo docente.

Esse processo é resultado de uma série de políticas e posturas

perante a educação no Brasil, pelas quais a restrição de acesso ao ensino superior passa a ter um importante papel na manutenção da elite. Ao mesmo tempo, na história da educação brasileira, predomina a ausência de valorização da formação técnico-profissional e quando ela existe é para atender minimamente a uma demanda de mercado a curto prazo (CHAUI, 2001).

A história de educação superior no Brasil apenas reafirma o fato de que vivemos em uma sociedade desigual, onde se reduzem as possibilidades, tanto do formato institucional da educação quanto da contribuição individual ou de grupos para o desenvolvimento econômico, social e cultural do país.

O ensino, especialmente na área das ciências humanas, é uma forma de condução social na qual

as práticas pedagógicas surgem com enraizamento sociopolítico, carregando intrinsecamente uma visão de mundo. A ausência do questionamento social no desenvolvimento do ensino pode transformar essa condução em controle social. Em outras palavras, o ensino que herdamos hoje no Brasil foi moldado segundo os interesses do Estado, ressaltando-se que os instrumentos deflagradores do debate na sociedade que se quer formar são recentes. Portanto não há discussão sobre o ensino que não questione as relações entre o Estado e a Nação, sendo o Estado constituído pelo conjunto de instituições e organizações que o representam e a Nação constituída por seus cidadãos (SANTOS, 1996).

Logo após a queda do Estado Novo, surgem os primeiros cursos dedicados exclusivamente ao estudo da arquitetura e do urbanismo: em 1945, no Rio de Janeiro, a Faculdade Nacional de Arquitetura; em 1947, o Curso de Arquitetura do Mackenzie e, em 1948, a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

Deve-se considerar ainda que, durante o Estado Novo, com o patrocínio do poder público, a Arquitetura Moderna desenvolvida no Brasil tem um maior reconhecimento nacional e internacional, o que acaba por contribuir para que os cursos de Arquitetura e Urbanismo se tornassem independentes dos cursos das Escolas Politécnicas e de Belas Artes.

Para entender o aumento da demanda pelo ensino superior nas décadas de 1950 e 60, deve-se lembrar que a política educacional do Estado Novo estava marcada pelo ensino propedêutico para as "elites condutoras" e o ensino profissional para as "classes menos favorecidas", criando uma concepção marcadamente discriminatória de educação.

Entre 1950 e 1954, com o retorno de Vargas à presidência,

foram tomadas medidas pelo governo federal para criar uma equivalência dos cursos profissionais em nível secundário. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de 1961, ampliou esse esforço, garantindo a equivalência dos cursos de grau médio. A expansão das condições de escolarização no ensino secundário e a equivalência dos cursos médios ao secundário aumentaram a demanda pelos cursos superiores.

Se hoje o país tem grande dificuldade para garantir a qualidade de ensino, depois do grande número de escolas privadas que surgiu nas duas últimas décadas, ou para assegurar recursos para a rede federal, certamente deve-se considerar o fato de que, no Brasil, no encontro de forças contraditórias ocorrido na discussão entre os defensores do ensino público e do privado, levou vantagens esse último, a partir das alterações propostas pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, aprovada em 1961.

Dois grupos se formaram nessa época. O grupo de Florestan Fernandes, que junto a intelectuais como Sergio Buarque de Holanda, Anísio Teixeira, Darci Ribeiro, Caio Prado Junior, Cecília Meirelles e outros promove uma campanha cívica em todo o país, com a finalidade de divulgar os pontos que garantam o ensino público na LDBEN de 61. O outro grupo, liderado por Carlos Lacerda, apresenta o projeto e faz aprová-lo rapidamente, em fim de legislatura, impondo os pontos essenciais do privatismo escolar sob a bandeira de uma "liberdade" no ensino.

A questão colocada pelos que defendiam a "liberdade de ensino", isto é, o direito à privatização do ensino, era a necessidade de se ter a "liberdade de pensamento": acreditava-se que era impossível usufruir dessa liberdade em um sistema onde o Estado "conduz" o ensino. Fortes grupos econômicos lutavam por esse pensamento.

O país inteiro, em todos os níveis da educação, sofre as consequências da lei aprovada em 1961. Serão necessários, entretanto, cerca de vinte anos para a consolidação dos grupos econômicos que vão "investir" no ensino superior agora sim com uma visão contábil, com a preocupação de garantir o mínimo no desenvolvimento do corpo docente ou da pesquisa, ficando essa carga toda para o Estado e suas instituições de fomento à pesquisa (SILVA, 2005).

Ao discutirmos o Ensino, necessariamente deveremos discutir a estrutura de formação como um todo. É assim que se conseguirá aliar forma e conteúdo, num processo de entendimento das razões culturais que fundamentam a Educação: formar seres políticos com prerrogativas de autonomia, capazes de atender as necessidades da sociedade, amplamente.

Nesse sentido duas questões se mostram hoje: a formação como um necessário processo de reversão dos rumos que ditam as verdades e as competências; e a formação que aponta para as respostas às demandas nacionais (ou mesmo mundiais) quanto aos problemas existentes. Esses caminhos foram constantemente corrompidos por ilusões de perspectivas de futuro que incutem um modelo de competência pela concorrência, aponta para focos de amplitudes mundiais e esvaziam a capacidade crítica e política da sociedade. Somos torpedeados constantemente por banalidades que deslocam as possibilidades de aprofundamento e desvelamento das reais complexidades que operam ao nosso lado. Nesse cenário, ser um profissional de sucesso é ser um profissional do mercado, ainda que míope e surdo diante da totalidade dos fatos.

Para uma reforma estrutural do ensino no Brasil, é necessário que se pense uma estrutural ruptura nos rumos da história brasileira. Sem exageros ou apologias, é fundamental compreender que a raiz

do problema está nas forças que preferem um país potencialmente frágil, e isso explica tudo, desde o tamanho das instituições corrompidas, as grandes corporações que comandam as regras do jogo, as gerações de alienados, as novas gerações de candidatos à alienados, a ausência de perspectivas nos discursos e a fragmentação das correntes pelas implicações do manejo das redes sociais como um universo de fuga das efetivas lutas frontais e presenciais. Não será simplesmente adotando um determinado método que iremos reestruturar o ensino. Não é importando padrões ou procedimentos que organizaremos a linha direcional para colocar o país nos eixos. Não é confrontando estatísticas com países do mundo que faremos uma reforma institucional aproximativa. Não será somente com as novas modas que formaremos os brasileiros com capacidade de influir nas estruturas históricas.

Por onde começamos, então?

Começemos pelas discussões atuais crescentes nas universidades.

Se formos estabelecer comparações, então que o façamos no âmbito das possibilidades diretas. Temos um país imenso, com imensas possibilidades de investigação e matéria prima para mudanças estruturais desejáveis. Podemos nos permitir a comparações ou métodos avaliativos entre escolas e entre países.

Peguemos as iniciativas que emergem gradualmente dos pântanos escorregadios e lamacentos como que indicando novas possibilidades de respostas.

Pelo que lutam as universidades brasileiras? Por quem lutam e como deveria ser a constituição formadora desse lutador? Tais perguntas percorrem constantemente os sonhos dos universitários que,

num dado momento de suas vidas, se questionam para que serve o esforço desprendido. Os que vão mais além, enfrentam conflitos internos ainda maiores e se defrontam com enigmas ainda mais perigosos: afinal de contas, que país estamos construindo se o esforço se converte em quase nada?

Edgar Morin (1921), antropólogo, sociólogo e filósofo francês, escreveu *Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro* (2002). Esse trabalho, quase um relatório reflexivo sobre a estrutura da formação, está organizado segundo os seguintes "eixos", pela ordem:

- As Cegueiras do Conhecimento: O Erro e a Ilusão
- Os Princípios do Conhecimento Pertinente
- Ensinar a Condição Humana
- Ensinar a Identidade Terrena
- Enfrentar as Incertezas
- Ensinar a Compreensão
- A Ética do Gênero Humano

Dentre as questões que traz como contribuição inexorável e perturbadora, é a noção sobre a essência do "ser" como princípio contributivo, em reconhecer-se diante de sua humanidade para compreender seu papel no mundo.

O ser humano é a um só tempo físico, biológico, psíquico, cultural, social, histórico. Esta unidade complexa da natureza humana é totalmente desintegrada na educação por meio das disciplinas, tendo-se tomado impossível aprender o que significa ser humano. É preciso restaurá-la, de modo que cada um, onde quer que se encontre, tome conhecimento e consciência, ao mesmo tempo, de sua identidade complexa e de sua identidade comum a todos os outros humanos.

Desse modo, a condição humana deveria ser o objeto essencial de todo o ensino. (MORIN, 2002, pág. 15)

Essa condição é universal. A característica de sua abrangência





dimensional deveria nos provocar a compreender mais de nós mesmos, nossa existência que tanto depende das relações coletivas, na contramão das concorrências competentes - parâmetros do pacote que nos foi vendido como ideal de futuro global. A questão de Morin é a pertinência da Educação como realimento humano, pois estabelece a condição da compreensão das forças que foram sucessivamente apagadas, substituídas pelos modelos de esvaziamento, de alienação e de fragmentação. Isso explica porque não temos apego ao país como um lugar de existência cultural que nos coloca como participantes diretos do mundo. Explica porque as gerações foram deformadas pelos desejos exóticos que apagaram sucessivamente todas as possibilidades de reação. Explica porque as instituições cederam ao capital como sintoma de modernidade, na onda da empregabilidade sem questionamentos críticos.

Possibilidades

Algumas coisas estão acontecendo, porém.

As escolas de Arquitetura e Urbanismo no Brasil tem história e em seus ciclos de maturação, para baixo ou para cima, contaram com propostas e possibilidades de reformas e mudanças. A quantidade de trabalhos, ensaios, teses, Trabalhos Finais de Graduação TFG e demais discussões e tentativas de experimentação sobre a questão do formato das escolas de Arquitetura e Urbanismo é grande. Entretanto, cabe aqui uma ponderação que talvez possa contribuir de outra maneira para as novas frentes. Alunos da PUC Campinas e de outras escolas vêm discutindo a necessidade de trazer para os conteúdos programáticos temáticas e práticas voltadas para os reais problemas nacionais. Os alunos propuseram, na pauta em curso para discus-

são aberta, temáticas de interesse como Habitação - a precarização das habitações, a desigualdade, formalidade e informalidade, e produção das cidades brasileiras.

O que se assiste no curso de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica PUC de Campinas, é um prenúncio significativo. Nos próximos meses a partir de agosto deste ano ocorrerá uma sucessão de fóruns e discussões para a rediscussão da grade curricular da escola.

O Grupo da Anhembi Morumbi, por sua vez, trabalha para a constituição de uma rede de escolas para o estímulo e compartilhamento das experiências das escolas brasileiras.

A questão é, se há um descontentamento geral sobre o processo de formação e seus conteúdos, como contribuir com senso crítico na avaliação interna das grades curriculares e demais atributos [horas aula professor/alunos, suportes de pesquisa e constituição do sentido de reflexão perante a realidade] e exercer concretamente essa atitude no âmbito das instituições dentro e fora delas?

Outras escolas começam a seguir essa tendência. A proposta em curso é, primeiramente, fortalecer a linha de reconhecimento da estrutura dos cursos pelos alunos da escola. Em seguida consolidar as potencialidades de revisão gradual e constante das possibilidades de ajustes, adequação e até mesmo de radical mudança nos rumos de aprendizado, voltando-se firmemente para a contribuição dessas instituições para os problemas nacionais. É evidente que esse processo político de tomada de decisão poderá configurar uma oportunidade de questionamentos quanto aos efeitos que a atual dinâmica de cursos no Brasil, balizada pela importação das práticas internacionais de "eficiência e qualidade", tem causado nas nossas gerações. É evidente que há um esvaziamento contundente e em

expansão, acumulando perdas que refletem na ausência dessas gerações na ocupação do espaço político e na relação de respostas efetivas à sociedade.

Algo indica que essas ações de maior consistência começam a ditar as ambições de grupos de alunos que se anteciparam às discussões e seus desdobramentos. Duas vertentes estruturadoras já se colocam: 1) sobre a necessidade de rediscussão das questões internas de cada instituição, no tocante aos preceitos estruturadores das temáticas de investigação e conhecimento no âmbito das grades curriculares; 2) sobre a necessidade de recuperação das relações entre escolas afinadas aos mesmos preceitos, constituindo oportunidades de conexão política e trocas de experiências institucionais generalizadas.

Parece ser interessante que antes das escolas buscarem mudanças na forma, discutam arduamente a realidade brasileira como matéria prima das reflexões sobre o tratamento das possibilidades de transformação, e, portanto, seu conteúdo determinante. A questão habitacional aparece como um pano de fundo atraente para os alunos das escolas de arquitetura e urbanismo, capaz de reconverter as questões que seriam necessárias para a retomada da capacidade de observar o mundo a nossa volta com iniciativas de enfrentamento. Os desdobramentos dessa temática como aprofundamento estabelece um imenso quadro de possibilidades de conhecimento, reflexão e visão crítica, e por sua vez, permite capturar outras temáticas de igual dimensão.

Mas, mais que estabelecer a rede de correspondência entre problemáticas e provocações pelo conhecimento, tais questões se remetem a uma outra vertente, ainda de maior interesse: a libertação da lógica de dependência do aluno das regras da escola clássica, onde ele é refém das prerrogativas

da avaliação contra a entrega de tarefas. Essa mudança nas estruturas de formação dando a atribuição de autoridade aos alunos como que se libertando das amarras do controle didático pedagógico arbitrário, por uma perspectiva de autonomia responsável diante dos problemas do mundo, pode ser um passo importante na formação. Somente com essa perspectiva de autonomia convicta se poderá garantir as possibilidades de continuidade do saber por escolha e não por submissão.

Essa quebra ou passagem, da incapacidade de ruptura por meios próprios [o conforto da dependência paternalista] para os níveis de consciência plena de suas atribuições futuras [a primazia da escolha pela convicção], é o ponto de inflexão da formação, e isso poderá se dar pelas vias da investigação, maturação, reflexão e produção de respostas aos problemas concretamente postos.

Outra questão fundamental é a gradual consolidação da noção de liberdade democrática. É confusa e, obviamente incentivada, a visão de que a conquista do arbítrio se deu, ou já se consagrou, pela livre iniciativa de mercado, substituindo decisivamente, aos olhos de todos, a condição da democracia como ordenamento político e social. Há, nesse sentido, convergências de manobras que dão a ilusão de liberdade e de futuro para quem se submeter aos ditames do mercado sem a necessária reflexão crítica e, portanto, ao eventual enfrentamento de suas armadilhas.

As primeiras discussões em curso nas escolas que participam do início de uma rede de interesses comuns, ainda que com amplitudes próprias, é conhecer-se. É preciso dominar as condicionantes estruturadoras para estabelecer as prerrogativas de discussão e eventuais mudanças desejadas. Depois, consolidar constantemente, pela prática das discussões abertas e cada vez mais amplas, a reflexão das gran-

des temáticas. Gradativamente, implementar ações de atuação dentro e fora das universidades mudando sobremaneira a conduta das repercussões provenientes da geração de conhecimento e potenciais formas de devolução social. Diante desse processo, imaginar que essa dinâmica venha a sistematizar um ritmo de efervescência continuada de reação histórica.

Além da questão habitacional, que parece ter tocado mais contundentemente alunos de diversas escolas, outras variáveis se juntam. Embora hoje já discutamos mais, ainda necessitamos de maior abrangência sobre a revelação dos princípios ambientais e as capacidades territoriais. Outras questões podem ser atraídas para o mesmo debate, tais como os conflitos nacionais, uma maior aproximação com os problemas latino-americanos, as amplitudes ecossistêmicas, a retomada das raízes culturais, o desafio das cidades, o paradoxo do campo, o papel das universidades diante da política pública, dentre todas as possibilidades que permitiriam a efervescência das razões da formação.

Comecemos, pois.
O país urge.

¹ Arquiteto e urbanista pela Universidade de Guarulhos (UnG), mestre e doutorando em Urbanismo no Programa de Pós-Graduação em Urbanismo (POSURB), Centro de Ciências Exatas, Ambientais e Tecnológicas da Pontifícia Universidade Católica de Campinas – CEATEC – PUC. Professor da Faculdade de Arquitetura Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas PUC-Campinas e Universidade Anhembi-Morumbi.

² Arquiteto e urbanista, mestre e doutor em Arquitetura e Urbanismo pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP), Posdoc no PROARQ, Universidade Federal do Rio de Janeiro UFRJ. Professor do Programa de Pós-Graduação em Urbanismo (POSURB), Centro de Ciências Exatas, Ambientais e Tecnológicas da Pontifícia Universidade Católica de Campinas – CEATEC – PUC. Professor da Faculdade de Arquitetura Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas PUC-Campinas

hoje eu me atrevo

conexão sp

Rafael Sandrini

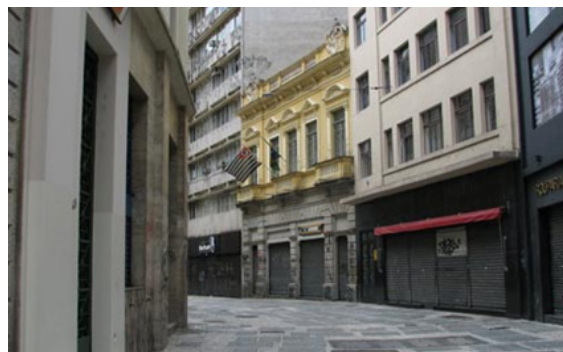
A retomada do centro

Os últimos anos trouxeram uma série de eventos e políticas público-privadas que têm aproximado as pessoas com o centro histórico de São Paulo. Viradas culturais, carnavais de rua, cultura da mais diversas e ruas para pessoas - o perigoso deu lugar ao prazer, e as decorações de aniversário da 25 de Março, que antes viajavam quilômetros, passaram a ser vestidas no espaço público.

O centro é história - mas que tal ser presente?

O centro de São Paulo apresenta uma infraestrutura de mobilidade das mais completas - o plano radial da cidade de transportes faz com que os modais viários tenham seu ápice lá, o núcleo de tudo. Para completar, a maior cobertura metroviária se dá no centro também.

No entanto, as últimas décadas caracterizavam um centro esvaziado. O centro econômico transferiu-se gradualmente para a Zona Sul, as ruas passaram a ser ociosas durante os finais de semana, e as mo-



Contrastes: O fervilhão da 25 de Março em dias de semana e o esvaziamento completo de outras ruas no final de semana

radias, esvaziando-se, com a falta de atividades e consequente insegurança nas ruas.

Apenas o comércio de rua, em sítios específicos, como o raio da Santa Ifigênia e a Rua 25 de Março mantinham-se fervilhantes; o horário de vida, então, entre as 9 da manhã e as 5 da tarde, o tal "horário comercial". Se atrever a passear as oito da noite? *Eu não!*





foto: Everton Ballard



foto: Emerson Ballardin

Largo São Francisco, reurbanizado, sob uma sessão de cinema: sucesso

Políticas, público e o privado

Em um meio urbano com tendências de espraiamento e uma infra-estrutura viária saturada, como potencializar as condicionantes? Enquanto bairros da zona oeste tornaram-se de grife, como centros de serviços, e os assentamentos irregulares, as "favelas", cresceram vertiginosamente nas extremas zona sul e leste, o centro andava fora dos holofotes. Esvaziamento, degradação e alugueis à preços baixos: como ignorar um prato cheio para um empreendimento? Segundo o IBGE, São Paulo quintuplicou sua população entre as décadas de 1950 à 2000, estando em 2016 com mais de 11 milhões em seu município. A magnitude é inquestionável - e a dificuldade de gestão, idem. São Paulo é um organismo com vida própria.

Por meio de políticas públicas, iniciativas foram tomando forma no território paulistano; dentre elas,

os parklets foram trazidos ao Brasil. Os parklets surgiram em 2010, primeiramente implementados na cidade de San Francisco, Califórnia. Em uma síntese, são vagas de automóveis que foram convertidas em espaço de convivência, por meio de uma estrutura leve aportada por mobiliário e comodidades. As abordagens são as mais diversas, com focos relacionados à vegetação, apoio às bicicletas ou mesinhas que complementam o comércio adjacente.

Em São Paulo, a regulamentação se deu na gestão de Fernando Haddad, em acordo com Lincoln Paiva, do Instituto Mobilidade Verde, em 2014. Além dos parklets, espaços foram revitalizados e reentregues ao público, como a Praça Roosevelt, na Rua da Consolação, e o Largo São Francisco, que abrigou novo mobiliário e até sessões de cinema ao ar livre.

O Largo São Francisco foi alvo de estudos do workshop "Centro – Diálogo Aberto", que trouxe análises para o eixo do Anhangabaú e República, com a participação de graduandos de diversas faculdades de arquitetura e profissionais renomados da área. As proposições, trouxeram a importância da diversidade de usos no espaço público como elemento de ativação; Gehl Architects, escritório com trabalho reverenciado em espaços urbanos, elaborou propostas e diretrizes para o eixo do Anhangabaú. Um dos projetos de revitalização, o do Largo São Francisco, foi executado e o sucesso, instantâneo.

Mais emblemático foi o caso da Praça Roosevelt, situada sobre um túnel; a anterior arquitetura conformava um espaço público com características modernistas que atrapalhavam em aspectos triviais de uma praça: insolação e

continuidade visual. Por diversos ângulos, a laje que encobria o espaço sequer permitia o visitante ver o céu. *Saio de casa para ver outra laje?*

A reurbanização, pelo projeto do escritório de arquitetura Borrelli e Me

rigo, trouxe um espaço que aproveita as perspectivas incríveis do lo-

cal, podendo-se avistar os prédios escalonados da praça, a Igreja da Consolação, o Copan, de Oscar Niemeyer, e o icônico Hilton Hotel. Sem contar a infra-estrutura viária: em um dos lados vê-se o Elevado João Goulart, e pelo outro, a Radial Leste. O mobiliário e a iluminação são básicos (mas competentes!) e as árvores podem não apresentar

a sombra desejada, até o momento. Mas ela permite uma gama de atividades: transpassar, contemplar, ou apropriar-se pelo skate; permite que possamos nos reunir e, principalmente, permanecer.

Hoje, é possível sentir-se seguro à meia-noite em um dos poucos espaços públicos não-murados da cidade (com Wi-Fi Livre!).



A antiga conformação da Praça Roosevelt: muito concreto, pouca vida



Praça Roosevelt, atualmente: ativada dia e noite

E com a certeza de que os skatistas ainda ficarão lá por algumas horas, acompanhados pelos artistas dos teatros locais.

Na zona oeste, o Largo da Batata é outro exemplo em destaque. Antes da implantação da estação Faria Lima do Metrô, o Largo possuía uma vida social ativa, com "forrós" e espaços de apropriação cultural do Nordeste. A reurbanização do espaço, ocorrida entre os

anos 2002, ano de anúncio dos vencedores do concurso de projetos, até 2013, gerou um espaço vasto, sem sombras, ou mobiliário. Os comércios de outrora, substituídos por empreendimentos corporativos – a gentrificação ficou em evidência, e a permanência tornou-se passagem.

Mas a nossa metrópole se faz tão rica em vivências pela diversidade de pensamentos – há

quem conforme, há quem reclame e há quem transforme! David Harvey, sobre a cidade, diz "não é simplesmente o direito ao que já existe na cidade, mas é o direito de transformar a cidade em algo radicalmente diferente". O Largo da Batata vem sendo reativado pelas positivas intervenções do coletivo "A batata precisa de você", idealizado por Laura Sobral, urbanista formada pela Universidade de São Paulo.

Mobiliário feito em oficina pelo BatataLab, colaborativo





Largo da Batata e a militância pelo espaço público.

O coletivo possui profissionais não apenas da arquitetura e urbanismo, mas de diversas áreas – a interdisciplinaridade, com certeza, é um fator que faz as discussões urbanas se enriquecerem com mais pontos de vista. Nos últimos anos, o coletivo, junto ao grupo de voluntários, animam eventos, geram discussões abertas e intervenções das mais incríveis em mobiliário urbano. Um exemplo concreto e recente foram os mobiliários elaborados pelo BatataLab, colaborativos.

O urbanismo são as pessoas - a retomada da cidade

Os coletivos e instituições que produzem intervenções urbanas ou discussões sobre o espaço público são diversos – sejam intervenções habitáveis, artísticas

ou interativas. Talvez as pessoas queiram mais do que shopping centers e núcleos de ar condicionado. Muitos já passam o dia trabalhando sob ar condicionado, aparelhos eletrônicos e sem luz natural – porque passar as horas de descompressão em um lugar tão semelhante?

Habitar o espaço público nos faz aprender sobre cidadania. "A educação cidadã, que com o rompimento da inércia cotidiana, abre os olhos das pessoas para possibilidades de mudança, para sua autonomia, para sua força transformadora em relação a cidade", afirma a urbanista Laura Sobral, enquanto comenta sobre o Largo, um motivo de orgulho.

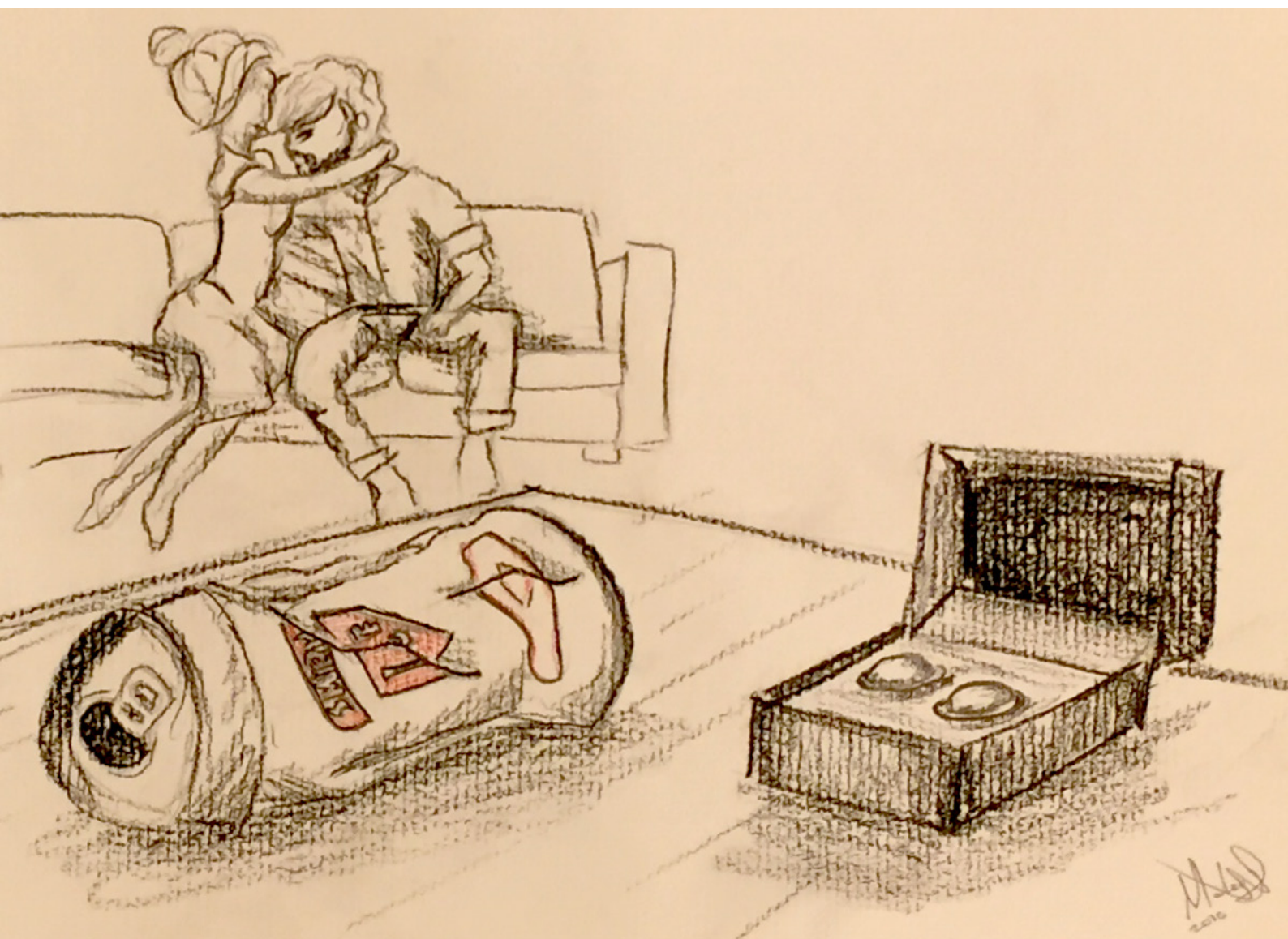
Reconhecer o outro nos faz cidadãos; conviver, compartilhar são ações que nos fazem lembrar que somos parte de um coletivo maior, sejamos alguns mais interativos, outros mais compenetrados. A chave para cidades mais seguras e respeitadas pode estar pela interação que se tem com os espaços públicos: o melhor vigilante e mantenedor não é uma empresa-com-serviços-especializados-limitada, mas

um cidadão que se identifica e se apropria do espaço público. A sua cidade é passagem ou permanência? Você pode sonhar enquanto se senta com um café na praça? O palco das nossas vidas é a cidade – então, por favor, vamos fazer dela um espetáculo de plateia cheia.'

Rafael Sandrini é estudante do 9º semestre da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Mackenzie e atualmente estagia em um instituto de pesquisa em mobilidade e cidades para pessoas (MM). Quase formado em arquitetura, sempre gostou de escrever e adora ir ao centro da cidade – um desses loucos por São Paulo. Acredita que a mudança surge no olhar: onde alguns vêem problema, podemos encontrar oportunidade.

abotoaduras de camisa

Marcela Ferro Agulhão



Mateus Trevisan de Souza

O apartamento era pequeno. Prático e funcional, como ele. Não havia nada lá que não fosse necessário, tudo tinha uma função e um porquê. Tudo organizado. Numa escala cromática que variava entre branco, preto ou tonalidades de cinzas, apenas a luz led que contornava o espelho sobre a pia da cozinha americana destoava desse ambiente sóbrio. Havia garrafas de bebida como decoração, além de um único porta-retrato na parte central da estante com a foto de sua família. Sóbrio, elegante, com detalhes ébrios. Nenhum outro ambiente lhe serviria tão bem.

Ele me perguntou o que eu gostaria de beber e me ofereceu alguma daquelas garrafas fechadas que repousavam na estante. Tequila, mezcal, whisky, vodca. Cada uma trazia uma história diferente, histórias de viagens, assunto que ele não se cansava de contar, e fazia questão de falar dos lugares mais incríveis nos quais já estivera, com uma alegria que me fazia ter vontade de conhecer cada centímetro pelo qual ele já passara. Mas para mim, o local mais incrível era aquele apartamento. Eu não quis abrir nenhuma daquelas garrafas históricas e deixar minha marca. Bebi uma lata de Smirnoff Ice que estava na geladeira. Descartável.

Sentamo-nos em seu sofá grande e macio, que estava coberto por uma capa branca, e me lembro que logo suas mãos deslizavam em minhas costas, enquanto uma delas descia o zíper do meu vestido. Ele me beijava e dizia que roupas femininas são muito complicadas, de se vestir, ou se tirar, enquanto que o mais complicado do vestuário masculino são as abotoaduras de camisa. Eu não sabia o que eram essas abotoaduras. Na verdade, naquele momento isso não me importava. Só me importava que ele terminasse de tirar o meu vestido e me tomasse como se eu fosse um shot de alguma bebida forte de suas garrafas na estante, de uma só vez, com vontade de repetir, e repetir. E assim ele o fez. Maravilhosamente, como as minhas expectativas imaginavam. Minhas expectativas, que em geral saem armadas e fazem interrogatórios sem darem chance de o suspeito responder e poder se defender, dessa vez foram feitas de reféns por ele.

Em seus braços, entre um suspiro e outro, entre um sonho e outro, lembrei-me das abotoaduras de camisa, que ele havia comentado anteriormente. Ele abriu uma caixinha sobre sua estante e me mostrou como elas eram, pequenos e valiosos objetos dourados de metal, com uma diminuta haste fixa, presa numa parte arredondada, e uma outra haste móvel, presa na primeira haste, que servem para prender o punho de certas camisas. Disse-me que as estava usando no dia em que me conheceu. Ah, o dia em que nos conhecemos... Era uma festa de gala, num dia quente de janeiro, um salão grande, com muitas e muitas pessoas. Ele me encontrou e me olhou de longe, eu logo percebi seus olhares sobre mim, percebi quando se aproximava, e percebi também quando me encantei com ele. Mas nesse dia eu não havia reparado no brilho das abotoaduras, reparei no brilho dos seus olhos, em como eles eram grandes e abertos e me olhavam de uma forma intensa, mas não intimidadora, era de um jeito que me deixava à vontade. Talvez fosse o seu sorriso que causava esse efeito sobre mim, um riso fácil, largo, que emanava uma energia viva e alegre, que fazia seu corpo se movimentar e me envolver da maneira mais natural possível, que me fazia entrar em seu universo, fazia-me querer ser parte dele, conviver com ele, conhecer seus gostos, seus cheiros, suas ideias, sua vida. Não havia reparado nas abotoaduras. Havia reparado nas promessas não ditas que ele me fez de acompanhá-lo nesse seu mundo fascinante, e me encantei com essa ideia, fui sugada por ela, fui cegada por ela, que não percebi que esse ambiente fantástico que ele pintava era apenas para que eu pudesse entretê-lo por alguns momentos.

Ele me mostrou como se colocava as abotoaduras no punho da camisa, que com uma mão era complicado de se colocá-las corretamente, mas que com a ajuda de alguém era muito mais fácil. Elas devem ser usadas em camisas onde os punhos não apresentam botões, que são as do tipo francês e, normalmente, são usadas em eventos formais. Requentadas peças de joalheria e eu nunca soube que elas existiam. Ele era um portal para um mundo novo, que me fazia entrar em um ambiente com classe e elegância, um mundo feito de garrafas de bebidas caras, viagens, abotoaduras e lofts caros e bem decorados.

Eu me encantei por esse universo dele. Queria mergulhar e me afogar, mas ele não me convidou para permanecer. Então não restava mais nada a fazer, a não ser me vestir e ir embora. Subi o zíper do meu vestido e chamei um táxi. Despedi-me em silêncio de seu sofá branco e de seu corpo, mas com uma vontade enorme de ficar. Olhei pela última vez para a caixinha que continha as abotoaduras, saí do apartamento cinza, desci pelo elevador, sozinha, e imaginei como seria a próxima vez que eu voltasse. Mas ela não existiu, eu não voltei, pois ele não voltou a me procurar. E conforme os dias se passaram, percebi que eu era como a lata de bebida barata, e não a garrafa cara na estante. Eu era como a camiseta surrada do dia-a-dia, e não a camisa de punho francês que leva uma abotoadura. Eu era um passeio até a esquina, e não uma viagem cara a Europa. Eu era uma qualquer que ele conheceu numa festa, disse qualquer besteira encantadora e que veria mais uma ou duas vezes, e não alguém para ficar. O apartamento cinza apagou o colorido em que ele uma vez havia me envolvido. E assim eu percebi que sua vida fantástica não me era acessível e que os portões do seu mundo estavam fechados para mim. Entendi que essas peças de roupa complicadas de se vestir são como a vida: é muito mais fácil se ajustar com a ajuda de alguém. Entendi também que eu ainda teria que continuar a fazer malabarismos para conseguir fechar o zíper do meu vestido e colocar as abotoaduras da minha vida sozinha.

fevereiro sombrio

Luis Felipe Fussi Esteves

Não é comum as noites de fevereiro serem frias, mas essa noite em particular estava mais fria que uma noite de inverno. Às 2:40 da madrugada a maioria das pessoas estaria dormindo, mas o detetive de 37 anos Antônio Gomez não conseguia pregar o olho, atormentado pelas mesmas imagens que o perseguiram a 3 semanas durante o sono: um homem que se abaixava ao ouvido de uma criança e sussurrava palavras indistinguíveis, um desenho feito a tinta vermelha que lembrava uma pessoa deitada e um corredor estreito com várias portas. O homem se afastava em direção a uma saída enquanto um grito agudo cortava o ar, fazendo o detetive acordar com o susto. Isso se repetia ao menos duas vezes por noite. Gomez estava exausto pelas noites mal dormidas o que atrapalhava suas investigações.

— Só uma noite de sono, é tudo que eu peço - resmungava o detetive.

Olhou novamente o relógio. 2:43. Encontrou seu sonífero no criado mudo, tomou um gole de água e virou-se na cama para tentar dormir mais uma vez. O sono veio rápido e Gomez já estava sonhando, agora com algo mais tranquilo.

Olhos se abriram na noite, mas não se enxergavam estrelas nem mesmo a lua. O velho estava vendado, deitado sobre a grama com suas costas nuas e as mãos e pés amarrados. Um cheiro pútrido pairava no ar enquanto o ar gelado da noite o envolvia. — O que está acontecendo!? esbravejou o velho. — Onde estou? Ouviu passos na grama. Alguém se aproximava.

— Quem está aí? Me ajude!

— Calma, meu velho. Tudo vai acabar logo – disse uma voz rouca e ameaçadora.

A venda foi tirada de seus olhos, mas o velho não conseguia distinguir a figura que estava a sua frente. O homem tinha suas costas iluminadas pela lua o que encobria seu rosto. Era possível ver somente a tatuagem em seu ombro esquerdo.

— Quem é você?! - Perguntou o velho assustado - o que vai fazer?

— Não fique nervoso - disse o homem – Você devia se último.

— Do que está falando? Quem é você?

— Não interessa quem sou. Meu trabalho está chegando ao fim. Logo será a vez de outro. Mas você... você será meu último.

Agora o velho pode perceber o objeto que estava nas mãos de seu sequestrador.

— O que é isto??

O homem levantou o objeto e a lua iluminou a silhueta reluzente de um grande machado que pairava acima da cabeça do velho. Não ouve grito, nem mesmo um pedido de misericórdia. O machado rasgou o ar e atingiu seu alvo com precisão. Dessa vez não era um sonho. O detetive Gomez ainda dormia quando recebeu um telefonema da delegacia as 10:30 da manhã. O assassino que procurava a anos atacara novamente.

Charles Denali Dantas, conhecido como maníaco do machado e famoso por cometer crimes sem deixar qualquer rastro de seu paradeiro. A anos a polícia procurava seu esconderijo, mas tudo indicava que Dantas nunca permanecia num mesmo local. Perito em disfarces era difícil de ser localizado mesmo com sua identidade já conhecida pelos policiais. Estima-se que Dantas tenha matado mais de 40 pessoas em 16 anos. Gomez foi colocado no caso por ser o melhor detetive da época. Foi responsável por prender criminosos de extrema periculosidade.

Às 11:10 da manhã, o detetive gomes chegou ao local onde o corpo estava, no campus da Unicamp em Campinas. Ao menos, boa parte do corpo estava ali.

— Oficial Marconi. Bom dia. - cumprimentou o detetive ao chegar.

— Bom dia senhor. Respondeu o policial.

— Pois bem, qual é a situação?

— Homem, branco, de mais ou menos 60 anos, 1,64 de altura. Ferimento a machado grave na região do pescoço resultando na decapitação da vítima. Não há sinal da cabeça senhor.

— Interessante. Não é muito comum que Dantas leve a cabeça da vítima. Geralmente...

— O corpo é levado. Sim senhor, notamos isso também. Completou o oficial.

— Verificaram qualquer outra anormalidade na vítima? Perguntou Gomez com tom áspero.

— Não senhor. Estamos esperando a perícia chegar.

— É só usar os olhos oficial, disparou Gomez - Veja bem o pescoço da vítima. Para onde foi o sangue? Um golpe de machado no pescoço de uma pessoa tira todo o sangue em 5 minutos. Esse homem não morreu aqui. O corpo foi deixado aqui.

O oficial Marconi ficou estático. Como pode não perceber algo tão nítido?

— Foi um descuido meu senhor. Mas... Por que Dantas faria isso? Não faz o "estilo" dele desovar um corpo.

— Eu também estou tentando entender, respondeu Gomez

A perícia chegou logo ao local enquanto a polícia dispersava os alunos que se aglomeravam para ver o que acontecia. O sol naquele momento era intenso mesmo com o vento que começava a soprar mais forte. Gomez não compreendia a intensão de Dantas. Por que deixar o corpo de uma vítima num local público? Ele nunca havia feito isso antes. Havia algo que eles deixaram passar? Dantas estaria tentando lhes dizer alguma coisa? O desenho com tinta vermelha de repente invadiu a mente do detetive.

"O que é isso? Sonhando acordado? Concentre-se!" pensou Gomez. Olhou novamente para o corpo que jazia no chão. Sua posição no asfalto não lhe era estranha.

— "Mas o que..."

O pensamento de Gomez foi interrompido pelo chamado do oficial Luigi.

— Detetive Gomez! Talvez queira ver isso senhor. Em suas mãos estavam os documentos da vítima que a perícia encontrou. E mais do que isso, um bilhete escrito por ninguém menos que Charles Dantas. "Rua Sampaio Ferraz, 679, 12º andar". Estaria Dantas fazendo um convite aberto para que o capturassem? O detetive Gomez ficou atônito.

— Não pode ser tão simples assim! Disse Gomez com a respiração mais acelerada.

— Pode ser uma armadilha. - Indagou o oficial Luigi – Esse cara é maluco!

— Pode ser, mas talvez possamos perder uma chance de ouro. Chame os policiais, vamos até essa rua. Deixe a perícia terminar o trabalho, Disse Gomez.

Luigi reuniu oficiais em quatro viaturas. Gomez entrou em seu carro e partiram para onde o bilhete apontava. Talvez fosse a única chance de prender o bandido que tanto caçavam.

Dantas esbanjava um sorriso debochado, recostado numa banheira de marfim, aparentemente satisfeito. Naquele momento sua mente estava tranquila. Sabia que tudo estava correndo conforme o planejado. — "Tudo está chegando ao fim" pensava o bandido que continuava com o sorriso rude no rosto. Não havia nada com o que se preocupar, logo estaria longe e seu legado permaneceria. Dantas se levantou da banheira e caminhou até um quarto. Ainda faltava uma última coisa a ser feita, então poderia partir e sua tarefa estaria concluída. Contava com que tudo pudesse ser compreendido sem nenhuma dificuldade. Pegou um canetão e retornou ao banheiro. — "Espero ainda me lembrar" — pensou. Com traços rápidos começou a desenhar no espelho. Traços rudes e sem precisão. Apenas a mensagem importava.

— Está pronto. Finalmente chegou ao fim – disse Dantas, orgulhoso de sua criação. Seu sorriso mais debochado que nunca. Enfim poderia partir.

O sol que antes estava forte agora era ofuscado por algumas nuvens. O detetive estava a poucos minutos do endereço quando uma sensação estranha o atingiu. Charles Dantas fugiu durante tanto tempo, por que iria se entregar tão facilmente agora? O que estaria planejando? Não pode ser tudo tão simples assim. O desenho em vermelho invadiu novamente sua mente.

— “Pare com isso! Nunca aconteceu com você acordado!” - Pensou com raiva. Mas havia algo mais. Dessa vez não era somente o desenho que a criança segurava. Em sua outra mão havia outro objeto, mais denso mas que Gomez não podia identificar e pela primeira vez em semanas, as palavras do homem que sussurrava ficaram claras. “Lembre-se”. Foi tudo o que Gomez pode ouvir enquanto chegava ao endereço as 13:30. Um edifício de luxo, localizado num dos bairros de alto padrão de Campinas ao que o bilhete indicava, deveria ser a cobertura. A torre tinha exatos 12 andares e, para sua sorte, um apartamento por andar. Os oficiais saíram das viaturas e Gomez deu as ordens.

— Quero 4 homens comigo. 4 ficam aqui e não deixem ninguém entrar ou sair. O restante vasculha o prédio.

Os homens entraram rapidamente no edifício e tomaram o elevador. O Detetive Gomez esperava surpreender o bandido antes que pudesse escapar ou tentar reagir. Mas o pensamento do sonho que o atormentava não saía de sua cabeça. Do que o menino deveria se lembrar? O elevador subiu veloz e alcançou a cobertura. Os homens se posicionaram e esperaram o comando de Gomez.

— Ao meu sinal. - Disse o detetive.

Com as armas em mãos, os policiais invadiram o apartamento. Foram rápidos ao anunciar a invasão e revistarem a sala de estar. Vazia. Não havia vestígios de Dantas no apartamento. A única coisa estranha era a sala revirada.

— Não é possível! - Esbravejou o detetive. Tomou o rádio de um dos oficiais e disse ao oficial que estava de plantão no térreo: - Não viram ninguém sair do prédio?

— Não senhor. – respondeu o oficial. – ninguém saiu. Nos disseram que não há nada nos outros andares também.

— Chequem novamente. E tragam cães farejadores. Talvez encontremos o rastro desse cretino.

— Sim senhor. – respondeu o oficial desligando o rádio.

“Não vai escapar tão fácil.” – pensou o detetive — “qual é o seu jogo?”

Não demorou muito para que os cães chegassem ao apartamento. Logo que chegaram começaram sua busca frenética por pistas e odores que pudessem ser reconhecidos de Charles Dantas. O detetive Antônio Gomez resolveu fazer sua própria busca pelo local. Talvez conseguisse encontrar pistas de Dantas, mas quanto mais procurava, mais estranho

lhe parecia o apartamento.

Não tinha características de um covil de assassino. Tudo estava arrumado demais com exceção da sala. "Talvez uma cena de crime", pensou Gomez. Suas suspeitas foram confirmadas quando o rádio tocou. Era o oficial Marconi.

— Senhor, acho que temos más notícias. O porteiro nos informou que o apartamento pertence a Nelson Muller. A descrição dele bate com a da vítima, mas o porteiro disse que não viu se mais alguém saiu do local. Talvez ele nem esteja mais ai.

Gomez não podia acreditar. Não podia ter perdido a pista do assassino.

— Aquele maldito! Deve haver algo aqui que não vimos. Vamos continuar procurando! Vociferou Gomez.

— O senhor que manda. — Disse o oficial Marconi.

Antônio Gomez agora se dirigia ao banheiro do apartamento. Por que Dantas o traria a cena do crime? O que ele estava querendo? Gomez abriu a porta do banheiro e novamente não encontrou nada ao percorrer o cômodo com os olhos, mas ao se deparar com o espelho ficou paralisado. Desenhado em vermelho estava o mesmo desenho que atormentava suas noites a 3 semanas. As linhas vermelhas do desenho escorriam pelo espelho dando-lhe aparência mais macabra. Em escala maior, parecia-se muito mais com um corpo. Um calafrio subiu pela espinha de Gomez.

"Como ele sabe desse desenho?!" pensou Gomez com certo terror. A imagem da criança voltou a sua mente, mais forte do que nunca. O desenho, o homem que sussurrava, um grito cortante. "Quem é essa criança?" Pensava, mas algo mais falou aos pensamentos de Gomez: "ela está relacionada comigo?"

O Oficial Luigi chamou o detetive gomez, tirando-o do transe de terror. — Encontramos alguma coisa! — dizia ele. Ao chegar na sala Gomez foi encarado pelos policiais.

— Senhor, você está bem? Está meio pálido. — disse um deles.

— Estou bem, não se preocupe. respondeu — Verifique o banheiro dos fundos e tire algumas conclusões sobre o que está lá.

— Sim senhor. O oficial se retirou.

— Então, o que encontraram? — perguntou Gomez.

— Encontramos uma folha com um desenho. Parece uma planta de uma casa.

— Deixe-me ver. — Gomez pegou o desenho e o analisou. Não era muito nítido o que estava ali, mas de fato era uma planta de uma casa. Pelo estilo parecia ser antiga. O desenho mostrava além da casa uma rua na frente.

"Sem gracinhas dessa vez Dantas" — Pensou o detetive. Ao olhar mais uma vez para o desenho e identificar o nome da rua, sua memória de criança o recordou. "Talvez você seja mais maluco do que pensei. Quem está perseguindo quem afinal?" Engolindo um seco, disse:

— Eu conheço essa casa!

O vento soprava mais forte e nuvens cinzentas tomaram o lugar do sol da tarde. Às 14:40 o detetive Gomes e os policiais chegaram ao novo endereço no distrito de Campo Grande, próximo a campinas. A casa em estilo eclético era um sobrado grande com a porta de entrada na lateral e grandes janelas marcadas por bandeiras de ferro além do entablamento que escondia o telhado. Para a idade da casa estava em perfeitas condições aos olhos do detetive Gomez, ainda mais para um covil de assassino. "É este o lugar. Só pode ser. Agora te pegamos Dantas." Pensou.

Gomes saiu de seu carro e deu as ordens aos seus companheiros. Queria se assegurar que tudo desse certo. Não podia deixar que Charles Dantas escapasse novamente. Posicionou os homens e mandou que revistassem os fundos da casa.

— O que o senhor vai fazer? – perguntou o oficial Luigi.

— Vou verificar a casa. Farei isso sozinho. Quero surpreendê-lo se estiver lá. – respondeu Gomez. Marconi o repreendeu:

— Senhor, não há necessidade.

— Eu sei o que estou fazendo, confie em mim. Vai dar tudo certo.

Gomez se dirigiu até a escada que levava à porta de entrada. Um trovão ecoou pelo céu anunciando a chuva que vinha. Lentamente chegou até a porta. Destrancada. Abriu a porta e se viu em um corredor longo com papel de parede verde claro e assoalho de madeira com várias portas que davam a diferentes cômodos, assim como em seu sonho. "Por que não estou surpreso?" pensou Gomez debochando da situação. Passos se aproximavam e o detetive só teve tempo de apontar a arma.

— Por favor, não atire! – implorou uma voz feminina. Gomez se assustou. Ele não esperava por isso. A mulher era jovem, aparentava 20 anos e estava vestida de forma muito elegante com roupas de época.

— Desculpe, não quis assustá-la. – disse Gomez guardando a arma. – Sou o detetive Antônio Gomez da polícia. Estou investigando um assassinato e tenho a suspeita de que este possa ser o esconderijo do criminoso.

— Não é possível. Morei aqui minha vida toda. Nunca sofremos com nada do tipo.

— Entendo. – Gomez estava cauteloso – Há mais alguém na casa?

— Sim. Estou com alguns convidados na verdade. Venha!

O detetive não estava entendendo. Estaria no endereço correto? Porque Dantas o mandaria para uma casa ocupada? Se de fato esta era a casa certa, o que essa mulher estaria fazendo ali? Ao ir mais para o fundo da casa pode ouvir o som da música que tocava. Na sala para onde a mulher o conduziu dezenas de pessoas dançavam com roupas de época ao som de Vivaldi. A sala era iluminada pela luz que entrava pelas janelas e acima um grande lustre de cristal.

— Festa à fantasia? perguntou Gomez.

— Como disse? questionou a mulher.

— Esqueça. Escute, estou com um caso de assassinato nas mãos, e é provável que essas pessoas possam estar correndo risco de vida. Vou ter que pedir que saiam enquanto meus homens vasculham o local.

— Acalme-se. Não há com o que se preocupar.

“Não há com o que se preocupar? Pois sim.” Pensou Gomez ficando irritado. — Você tem um, banheiro?

— É claro. Fica logo ali a direita. Respondeu a mulher com um sorriso.

Gomez entrou no banheiro e trancou a porta. “Essa mulher só pode estar louca” — pensou — “um assassino a solta e ela resolve fazer uma festa à fantasia. Como vou tirar essa gente daqui sem me revelar?” Enquanto lavava o rosto seu rádio tocou com Marconi na linha.

— Senhor, o que está fazendo ai dentro?

Antes que pudesse atender ao rádio, sua atenção foi desviada para um pequeno papel amassado no chão contendo um desenho em vermelho.

— Não é possível! — Exclamou Gomez enquanto recolhia o papel velho. O desenho de fato existia. Sua mente foi invadida novamente pelo sonho. Agora a criança segurava além do papel uma faca com sangue. O detetive perdeu a paciência pela primeira vez. A mulher então sabia mais do que aparentava. A criança de alguma forma ligava Dantas à Gomez. Já era hora de obter respostas.

— Tudo bem, eu fui muito bonzinho com você, mas já é hora de me dar algumas respostas. O que significa este desenho e como voc...

Não pode terminar a frase. O detetive parou de súbito. A sala agora estava vazia mas a música continuava a tocar. No meio da sala estava a mulher que o recebeu sentada em uma cadeira olhando pela janela. Algo de muito estranho estava acontecendo ali. Gomez se aproximou lentamente e se pôs ao lado da mulher. Sua expressão era a da mais profunda tristeza o que fez com que o detetive sentisse um novo arrepio. Com a maior tranquilidade do mundo, Gomez refez a pergunta.

— Por favor, poderia me dizer o que este desenho significa? O que ele faz aqui?

A mulher não respondeu de imediato. Gomez puxou uma cadeira e se sentou ao lado da moça. Refez a pergunta. Dessa vez ela o encarou com seu olhar triste e disse.

— Você não podia ter vindo aqui.

— O quê? — Perguntou Gomez espantado.

— Ele queria que viesse. Ele estava te esperando. Sabia que iria vir aqui.

O que Gomez havia pensado anteriormente era realidade. Dantas planejava uma emboscada para ele. Talvez estivesse esperando o momento exato para atacar. Que fim teriam levado seus companheiros lá fora? Com a arma de prontidão Gomez perguntou:

— Ele te forçou a isso?

— Não, respondeu a mulher.

— Como sabe que ele está me esperando? A mulher começou a falar mais baixo.

— Ele sussurra. Está sempre esperando por você. Há 30 anos espera por você. 30 anos. Aquilo atingiu Gomez como um soco e o deu enjoos. Então ele o perseguia a mais tempo do que imaginava. Ele se levantou atônito. Deu alguns passos e depois parou. Não conseguia pensar direito. Sua cabeça girava. O que Dantas fez? O que significava o desenho? O que o homem sussurrava? O que a casa tinha a ver com Dantas?

— Ele usa a casa? Como covil? – foi tudo o que Gomez conseguiu perguntar. A resposta da moça foi tão assustadora quanto o que ela havia dito antes:

— Sim. Ele nos guarda.

Ela não disse aguardar. Ele ouviu bem. "Ele nos guarda". Ela disse no plural. Havia outros. Guardava como se fossem objetos. Como se ela estivesse...

— Morta... Você está...

O vento frio penetrou pela janela que agora estava quebrada arrepiando os cabelos de Gomez. A música parou de tocar. O silêncio tomou conta da sala que se tornou ameaçadoramente escura e fria. O lustre de cristal jazia no chão em mil pedaços e as paredes estavam descascadas pela umidade. A luz que vinha de fora agora era esverdeada devido a tempestade que se aproximava e as cortinas vermelhas que enfeitavam as janelas balançavam de forma fantasmagórica com o vento encobrindo a figura da mulher que se tornou acinzentada. Sua expressão não era mais de tristeza e sim desolação. O espectro se levantou e encarou Gomez nos olhos fazendo-o recuar de pavor. Com os olhos arregalados ele gaguejou:

— O que-que e-ele fez?

— Ele me levou Gomez! - disse a mulher. — Ele me levou junto com outros 150! E ele quer você! – ao dizer isso ela se desfez como vapor e desapareceu para sempre enquanto a sala era consumida pela sombra e pelo tempo. Gomez correu para a porta com o coração aos pulos mas ela não estava mais lá, consumida pelo tempo. Ao sair pode perceber o que sua mente não havia visto no início. A casa estava em ruínas. Não haviam mais janelas intactas, a umidade devorara as paredes brancas, o ferro estava retorcido e enferrujado, plantas cresciam por qualquer buraco da casa e o telhado da lateral a muito não existia. Tentava compreender o que havia presenciado quando Marconi o chamou novamente pelo rádio.

— Onde você está?

— Estou do lado de fora da casa. — Disse retomando o folego — Você tinha razão. Não havia necessidade de entrar na casa.

— É claro que não. Ela estava abandonada a décadas. O que queria fazer lá?
Gomez pensou muito antes de responder a essa pergunta. Já não tinha certeza de mais nada

— Respostas.

— Se quer respostas, é melhor vir até os fundos da casa.

O comentário veio de forma nervosa, como se algo de ruim tivesse acontecido. Tudo o que Gomez não precisava naquele momento era de mais surpresas. Ele deu a volta pela casa e chegou aos fundos onde Marconi e Luigi estavam, estáticos. Nada poderia preparar o policial para a visão aterradora que estava nos fundos da casa. Ossos, membros, corpos semienterrados ou expostos na grama que exalava um cheiro pútrido. Dezenas seriam poucos a quantidade de corpos mutilados que estavam no jardim manchado de sangue. A mulher não havia mentido.

150. Foi o número que ela disse dos que foram levados. Dantas havia feito pior do que qualquer um havia imaginado. E Gomez seria o número 151.

— Nem em meus piores pesadelos eu imaginaria algo tão terrível assim, disse Luigi.

Gomez não falava, talvez sequer respirasse. Tentava imaginar como sua morte viria. Mas sua atenção era fixa na cabeça mais bem preservada. Nelson Muller, o velho da Unicamp. Gomez se aproximou relutante. Temia que a qualquer momento Dantas saltaria da pilha de corpos e arrancaria sua cabeça. As primeiras gotas de chuva começaram a cair. O vento uivava em seus ouvidos. Marconi e Luigi tentavam pensar no que fazer enquanto o detetive mais bem sucedido da região se abaixava para ver a cabeça de Nelson Miller. Gomez percebeu uma incisão.

— O que encontrou? Perguntou Marconi.

— Espere! Exclamou Gomez.

Antônio Gomez forçou um pouco e abriu a cabeça do velho. Ali, o que jamais esperava. Reluzindo com a fraca luz do dia acinzentado. Sua mente clareou, clara como cristal. A criança segurava uma faca de caçador. Com ela, riscava um papel, desenhando o que estava em sua frente. Dois corpos. Um homem e uma mulher. Se divertia com a situação. Alguém surgia dizendo. "Então você fez mesmo?". Ele se abaixava e sussurrava para a criança. "Não queria que chegasse a esse ponto. Nunca acreditarão no que você fez e não posso carregar seu fardo para sempre. Quando chegar a hora, LEMBRE-SE do que você fez." A criança apenas sorria. O homem se levantou e saiu da sala. A criança o seguiu até um corredor com várias portas. O homem avançava contra uma mulher jovem e um grito agudo ecoava pelas paredes.

— Senhor?! Chamou Marconi. — O que devemos fazer?

— Diga para Luigi buscar ajuda. Vamos precisar de muito pessoal para limpar isso.

Disse Gomez abafando um sorriso amarelo.

— Faça o que ele disse. Disse Marconi para o parceiro.

Luigi subiu para a rua para chamar reforços. Marconi se virou e viu o detetive Gomez se aproximando. Parecia realizado com as mãos para trás e risonho.

— Está tudo bem senhor? Perguntou Marconi.

— Claro oficial. Eu sei como resolver isso. Vou terminar o que comecei e tudo ficará bem — Respondeu o detetive com um leve sorriso.

— Isso é ótimo! Direi aos outros que poderemos resolver o caso.

— Eu não disse que vamos resolver o caso.

O oficial Marconi ficou confuso.

— Como assim senhor?

— Eu disse que vou terminar o que comecei.

Antônio Gomez levantou sua mão direita, revelando uma faca de caçador reluzente com as iniciais AG. Tão rápido quanto a levantou, sua mão abaixou para o peito do policial. A chuva caía forte e o vento soprava furioso na tempestade no final de tarde.

Raphael Scentinela de Góes

Quando te conheci, um coração torto
desses que já sofreu algumas
disse: Vai, Raphael! ser poesia em vida.

As casas ainda espiam os homens
que ainda correm atrás de mulheres.
A tarde é outra vez azul,
não houvessem tantos desejos.

A vida passa meio as pressas:
pressa branda, erma e sem dar trela.
Pra quê tanta pressa, meu Deus, pergunta meu coração.
Porém meu olhos
não dizem nada.

Você menina, que nem tem bigode,
também é séria, simples e forte.
Toda me desconversa.
Tem meus muitos raros minutos,
você mulher, sem óculos e nem bigode.

Meu Deus, por que me presenteaste
se sabias que eu não era Deus
se sabias que eu era fraco.

Mundo mundo vasto mundo,
se eu me chamasse Raimundo
seria uma rima não seria uma solução.
Mundo mundo vasto mundo,
mais vasto é meu coração.

Faz tempo que eu queria lhe dizer
mas aquela lua
aquele conhaque
me fizeram como o diabo.

Poema de sete a um impasses

Raphael Scintinela de Góes é aluno do terceiro ano da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da PUC-Campinas e membro do centro acadêmico da mesma, o CAFAU.